

ISABEL BRITO

Domingo Sombrio

E OUTROS CONTOS



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

**DOMINGO
SOMBRIO**
e outros contos

**Isabel Cristina
Cardoso de Brito**

Fortaleza - Ceará
2023

Arte da Capa e contracapa
Andrew Rodrigues da Silva

Projeto Gráfico e Diagramação



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B862d Brito, Isabel Cristina Cardoso de
Domingo sombrio e outros contos [recurso eletrônico] / Isabel
Cristina Cardoso de Brito. - Fortaleza: SEDUC, 2023.

132 p.

ISBN 978-65-89549-98-7

ISBN 978-85-8171-267-3 (E-book)

1. Literatura. 2. Contos. I. Brito, Isabel Cristina Cardoso de. II.
Título.

CDD 869.93



Elmano de Freitas da Costa
Governador

Jade Afonso Romero
Vice-Governadora

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação

Emanuelle Grace Kelly Santos de Oliveira
Secretária Executiva de Cooperação com os Municípios

Helder Nogueira Andrade
Secretário Executivo de Equidade, Direitos Humanos e Educação Complementar
e Protagonismo Estudantil

Maria Jucineide da Costa Fernandes
Secretária Executiva de Ensino Médio e Profissional

Maria Oderlânia Torquato Leite
Secretária Executiva de Gestão da Rede Escolar

Stella Cavalcante
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna

Julianna da Silva Sampaio
Coordenadora de Comunicação

Marta Emilia Silva Vieira
Danielle Taumaturgo Dias Soares
Keifer Fortunatti
Assessoras Especiais do Gabinete

Ideigiane Tercerito Nobre
Coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Maria da Conceição Alexandre Souza
Articuladora de Gestão

Dóris Sandra Silva Leão
Orientadora da Célula de Gestão Pedagógica e Desenvolvimento Curricular – CEGED

Francisco Clerto Alves da Silva
Orientador da Célula da Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Noturno – CEJEN

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais
Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio - COGEM

Conselho Editorial

Adriana Schneider Muller Konzen	Izabelle de Vasconcelos Costa
Ana Gardennya Linard Sório Oliveira	Jacqueline Rodrigues Moraes
Ana Joza de Lima	José Romário Rodrigues Bastos
Antônia Varele Gama Silva	Katiany do Vale Abreu
Antonio Helonis Borges Brandão	Lindalva Costa Cruz
Arnaldo Dias Ferreira	Marco Aurélio Jarreta Merichelli
Augusto Ridson de Araújo Miranda	Marcos Felipe Vicente
Betânia Maria Gomes Raquel	Maria de Fátima Xavier
Cintia Ferreira de Andrade	Mayara Tâmea Santos Soares
Cintya Kelly Barroso Oliveira	Newton Malveira Freire
Elaine Holanda Maciel	Paula de Carvalho Ferreira
Fernanda Maria Diniz da Silva	Paulo Venício Braga de Paula
Francisca Aparecida Prado Pinto	Renata Priscila Conceição da Costa
Francisca Juliana Feitosa Soares	Roberta Eliane Gadelha Aleixo
Francisco de Assis Sales e Costa Junior	Ronaldo Glauber Maia de Oliveira
Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro	Rosendo Freitas de Amorim
Gezenira Rodrigues da Silva	Tamara da Cunha Gonçalves
Helayne Mikaele Silva Lima	Vagna Brito de Lima
Herman Wagner de Freitas Regis	Yure Pereira de Abreu

Edição

Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula
Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Normalização Bibliográfica

Elizabete de Oliveira da Silva

POLÍTICA EDUCACIONAL E PRODUÇÃO TEXTUAL

A sociedade brasileira precisa reconhecer efetivamente a relevância da Educação. Um aspecto central desse reconhecimento reside em valorizar o Magistério e o professor. A valorização do magistério pode expressar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008, foi instituída uma política pública de estado denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. A consolidação dessa proposta que investe no protagonismo docente gerou desdobramentos substanciais, dentre os quais se destaca a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários, selecionados para publicação, passam por um criterioso processo de seleção.

A decisão da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), em organizar e publicar artigos que são recortes de dissertação e tese de professores da rede estadual de ensino, está baseada no programa Ceara Educa Mais, através da ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer. Esse Programa tem como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar públicas suas produções com seus pares.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará tem feito história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc tem promovido um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos têm se manifestado na consolidação do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem com mais qualidade e compromisso.

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação do Ceará

Jucineide Fernandes
Secretária Executiva do Ensino Médio e da Educação Profissional

PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar a/o professora/or. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pela/o professora/or.

Em 2008, foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação continuada por pares. O amadurecimento dessa ação ocorre com a edição da Lei nº 17.572/2021, de 22 de julho de 2021, que estabelece o Programa “Ceará Educa Mais” e que, no Art. 2º, Inciso II, trata da ação Professor Aprendiz. Este programa aposta no protagonismo docente gerando desdobramentos substanciais, dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores(as) da rede que ocorreu nos anos de 2017, 2018 e 2019. Deve ser ressaltado que os trabalhos acadêmicos, literários e temáticos selecionados para publicação passam por um rigoroso processo público de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc) em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) a publicação de suas experiências e reflexões; b) a formação e o desenvolvimento contínuo de outros professores; c) na publicação de obras acadêmicas e literárias dos professores, em formato impresso, bem como de livros temáticos, em formato digital.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado), Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto) e Livros Temáticos Digitais que contemplem temas transversais e/ou associados às áreas de conhecimento (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagem e suas tecnologias, Matemática, Ciências da Natureza e suas tecnologias).

São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos em língua portuguesa em consonância com os Direitos Humanos.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará mais uma vez faz história com essa iniciativa. Ao publicar as produções de seus(suas) professores(as), a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão
Prof. Dr. Rosendo Freitas de Amorim
Prof. Ms. Paulo Venício Braga de Paula

PRÓLOGO

Rubem Alves, sobre os olhos, as palavras e o mundo, assim reflete: “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos”. Dada a luz poética com que esse grande educador costumava iluminar seus pensamentos em forma de discurso, dificilmente os sentidos possíveis para esses três signos se esgotam. Os olhos podem ser muito mais do que as córneas, as palavras podem ir muito além dos verbetes e podemos conhecer vários mundos, como o mundo das/os educadoras/es.

Nesse mundo, os olhos representam toda a sensibilidade do indivíduo que educa. A/o educadora/or vê não só com os olhos, mas também com os ouvidos e com o tato. Tudo, ao seu redor, é palavra: críticas e elogios, respostas “certas” e “erradas”, perguntas e silêncios, abraços e distâncias, sorrisos e lágrimas. Entretanto, como educadoras/es, nem sempre nos damos conta de respirar tantos significados nessa semiosfera que é a escola e podemos, muitas vezes, ignorá-los. E assim, perdemos a oportunidade de melhorar nossos olhos.

Esta publicação traz valorosas contribuições de educadoras e educadores que aproveitam essa oportunidade e, agora, também nos oportunizam uma melhora do nosso modo de ver a educação. As produções aqui apresentadas trazem a perspectiva de quem aprimorou um olhar pedagógico que, agora, transforma em palavra.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), por meio da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio, espera que as palavras das/os nossas/os educadoras/es, aqui eternizadas, possam alcançar (e melhorar) os mais diversos olhares. Que esses olhares possam germinar em produções futuras que contribuirão, cada vez mais, com o nosso modo de compreender e de agir neste mundo tão desafiador, que é o da educação.

Ideigiane Terceiro Nobre

Coordenadora da Gestão Pedagógica do Ensino Médio/COGEM

Ana Cecília Freitas

Assistente Educacional /COGEM

Sumário

- 1.**
*A melhor
sexta-feira treze - 15*
- 2.**
*Morte na
Rodovia - 33*
- 3.**
A cúmplice - 49
- 4.**
O novato - 67
- 5.**
*Mármore
branco - 75*
- 6.**
*Domingo
sombrio - 81*
- 7.**
*O olho azul
da Sibéria - 89*
- 8.**
*Os donos
da terra - 95*

*À minha querida mãe, que
sempre disse para eu não
escrever essas besteiras de
terror, porque ela tem medo, eu
dedico esse livro.*

Agradecimento

Agradeço a todos meus amigos, que tiveram que me aturar falando sobre cada novo conto escrito na trajetória desse livro que era, a princípio, um experimento criativo sem nenhuma pretensão de prateleira. Agradeço ao talentosíssimo escritor Carlos Pontes que abrilhantou ainda mais esta obra ao me dar a honra de escrever o seu prefácio. Ao brilhante editor Andrew Rodrigues, criador dessa capa fascinante e que foi também meu editor de texto. À minha família, meus colegas e colaboradores, cujos nomes são inúmeros para listar aqui, mas que cabem perfeitamente em meu sombrio, mas agradecido coração.

Isabel Cristina Cardoso de Brito

Prefácio

A densidade de Domingo Sombrio e outros contos é tensionada em cada canto dos oito contos existentes no corpo deste livro.

A autora Isabel Brito, impôs um olhar firme sobre as penosas condições sociais, como em *A Cúmplice*, com rara sensibilidade, nas vidas interrompidas e massacradas mundo afora ou mesmo tão próximo da gente. Tudo bem narrado e legitimado como forte denúncia social.

Das outras cenas explicitadas entre o Domingo Sombrio e ainda outros contos, vemos as esquisitices míticas do Novato, um conto que se reserva a surpresas do começo ao fim. Ainda numa pegada de gênero fiel, a autora segue nas entrelinhas de suspenses entre sangues e rumores.

O mais singular do gênero de Isabel Brito é o não fingimento da escuridão dos sentimentos e lutas bravias para se livrar delas. Em *Mármore Branco*, percebe-se uma viagem de ordem mental e profunda, dos mergulhos inusitados entre o real e o imaginário, mas mergulhos.

Domingo Sombrio, caracteriza-se de um verdadeiro duelo da morte com sobreviventes, um fantasma metafórico e eufórico das doces ilusões.

No desfecho final e nem tão final assim, vemos os donos da Terra como um conto a se desbravar mistérios e enigmas. Caracterizando-se, assim, o mesmo estilo adotado desde os primeiros contos, Isabel Brito não se distanciou do que é sombrio e claro numa mesma condição: mistérios, sempre mistérios.

Em Domingo Sombrio o que prevalece não é apenas a dor, mas as condições a que se elevam essas dores. Não é somente a queda, a razão dos rumores deste livro, mas os traços a que se deve delinear, com ou sem destinos traçados

Boa Leitura
Carlos Pontes

1

*A melhor
sexta-feira treze*

Laura despertou na manhã daquela sexta-feira com uma terrível dor de cabeça. Abriu os olhos numa expressão de quem não queria ter despertado ainda, ou talvez nunca. Um cansaço tal se apoderava de si, sentia um leve torpor dominando progressivamente seu corpo. Levou as mãos ao rosto, o cérebro lhe doía, latejante, os olhos queimavam. Ligou o computador e abriu como de costume, nas redes sociais, a mesma página específica de sempre: O perfil de Guilherme e Margô. Casados há pouco tempo e felizes, absurdamente felizes nas fotos da internet, ao menos era o que aparentavam ser. Um belo, jovem e invejável casal feliz. Ela ficava olhando aquelas fotos e sentia o seu sangue ferver em suas veias, mas ao menos agora, embora com uma tremenda e dolorosa ressaca ela já sabia exatamente o que fazer. Tomou um café bem forte e pegou o telefone, estava na hora de dar continuidade ao seu propósito. Era uma sexta-feira, 13 de abril e, afortunadamente, era também aniversário de Guilherme e Laura queria lhe dar um presente inesquecível.

– Alô? Guilherme? Sou eu, Laura.

– Você está louca? Eu já falei que não pode ligar para mim. Que eu a procuraria quando eu quisesse? O que quer? Estragar meu casamento?

Laura riu sutilmente como quem não ouviu, ou não deu nenhuma importância às duras palavras de Guilherme e continuou a falar tranquilamente

– Calma, meu amor, calma. Aposto que ela não está aí a essa hora, está? E hoje é um dia muito especial para você, eu não poderia deixar de ao menos ouvir sua voz... você sabe Guilherme que você é alguém que eu nunca vou esquecer.

– Eu sei, Laura, eu sei. Eu também não te esqueci. Nem poderia, não é. Nem poderia...

– Isso eu não sei, Guilherme, você poderia? Afinal, você acabou se casando com outra mulher. O seu modo de me amar Guilherme sempre foi, no mínimo, estranho.

– Não vamos falar nisso. Você sabe muito bem como termina essa conversa.

– Não, nós não vamos. Hoje é seu aniversário. Nós passamos os últimos três aniversários da sua vida de solteiro, juntos e agora, não nos vemos há tanto tempo e eu, bom eu preciso te contar uma coisa.

– Que coisa?

– Estou indo embora dessa cidade, você, finalmente se verá livre de mim, Guilherme.

– Não fale assim, você bem sabe que a culpa não é só minha Laura, você não ...

– Xiiiiu, calado, mocinho! Não estrague tudo. Está tão perto... Continuando, hoje é seu aniversário, amanhã estou me mudando e eu queria me despedir de você.

– Você vai mesmo embora, Laura? Por quê?

– Eu não suporto mais, Guilherme. Antes, nos vermos era fácil. Você sempre dava um jeito e você sabe que devido ao meu amor por você eu suportei muita coisa, mas agora eu estou esgotada e é hora de eu seguir em frente assim como você já fez.

– Onde você quer me ver, Laura? Eu não vou poder ficar

muito tempo, você sabe. Margô e eu vamos jantar fora hoje, afinal é meu primeiro aniversário como um homem casado, ela é minha esposa agora. Eu devo-lhe isso. Ela já sofreu muito, Laura.

– Eu compreendo. De toda forma será mesmo a última vez. Depois disso você nunca mais terá notícias minhas, pode ficar tranquilo. Você já me esqueceu mesmo, há muito tempo, eu sei.

– Laura... onde? Onde vamos nos encontrar?

– Na velha casa de meu pai, você lembra onde fica, não lembra? É uma rua tranquila, ninguém irá lhe ver chegar ou sair.

– Certo, então, neste caso, às seis estarei lá. Você sabe que eu não consigo resistir a você e ainda me faz isso, depois de tudo o que passamos.

– Será a nossa última vez, depois disso eu serei apenas uma memória do seu passado, apenas uma imagem borrada em seu cérebro repleto de novas e boas recordações da sua nova e feliz família, aquela a quem você escolheu.

– Laura, eu tenho que desligar, nós nos vemos às seis. Até!

– Até! E, Guilherme...

– Sim...

– Eu te amo!

Guilherme desligou o telefone sem dar nenhuma resposta amorosa ou desamorosa que fosse. Apenas o silêncio, mas Laura estava satisfeita, afinal ela teria o objeto de sua única e maior obsessão em sua frente mais uma vez, ainda que pudesse ser a

última. Foi arrumar a casa e preparar o local para o seu fim de tarde perfeito. Preparou um jantar e comprou um espumante, afinal era um grande dia, o aniversário de Guilherme e se tudo desse certo ele nem voltaria pra casa cedo como queria, talvez ficasse ali com ela, como ficara outras tantas noites em que viveram aquela tórrida e inebriante paixão da adolescência.

Guilherme a amara muito há alguns anos. Ela fora talvez, sua maior paixão mas, por causa de intrigas, muitas brigas e principalmente por conta do imenso orgulho de Guilherme ele havia se afastado de Laura e deixado espaço para que Margô, que o amara em segredo desde a infância, se aproximasse aos poucos. A doçura e inocência de Margô o levaram a crer que ela era a mulher ideal para ele e Guilherme se afastou cada vez mais de Laura. Porém, nunca conseguiu abandoná-la completamente. Ela era como um vício ao qual ele não conseguia resistir.

E, assim, muitas e muitas vezes, mesmo depois de estar comprometido com Margô ele e Laura se encontraram às escondidas e reviviam com ardor uma história que, apesar de antiga, se renovava a cada novo encontro, a cada novo toque. Era como se suas peles fossem dois ímãs opostos. Era impossível ficar perto um do outro sem se atraírem mutuamente. Seus corpos queimavam em um desejo aterrador que ambos nunca haviam sentido por mais ninguém em suas vidas. Aquele sentimento era tão forte que parecia uma doença, e por conta de tal os pecados se fizeram. Mentiras, traições, intrigas. A paixão sensual da adolescência havia se tornado uma obsessão à qual nenhum dos dois lutava muito para resistir.

Laura tomou um banho demorado, arrumou-se sem pressa, usou o perfume que Guilherme conhecia bem, era como uma marca registrada sua. Em seus devaneios de saudade ele costumava sentir seu cheiro no meio da rua, do nada e sentia

aquela angústia em seu peito. Era a abstinência de sua droga favorita e que mais lhe causava danos, ela era sua heroína pessoal e as muitas vezes em que ela sumia lhe causavam esse desconforto como um viciado em reabilitação.

Não é que não amasse Margô, ele a amava e muito. Ela era tudo o que um homem poderia querer em sua vida. Doce, carinhosa, estava com ele em tudo e, principalmente fora capaz de aceitar-lhe mesmo sabendo quem ele era, e ele não era exatamente um homem fácil de lidar. Mas o fato é que a outra, Laura, lhe era, desde o início, alguém única, insubstituível, um mistério que sempre o seduziu gratuitamente e sem nenhum esforço. Mesmo assim, isso não foi o suficiente para que ele pudesse acreditar em sua capacidade de ser uma boa esposa ou a mulher com quem ele pudesse formar um lar. No fim, Guilherme foi frio e meticuloso e escolheu com a cabeça e não com o coração e ninguém poderia condená-lo por isso.

As horas passaram mais rápido do que de costume, o velho relógio de seu pai na parede fazia um barulho de ponteiros acelerados como se o universo estivesse com pressa, com muita pressa. O telefone de Laura tocou de repente. Ela atendeu ansiosa, alguém no outro lado da linha aparentemente lhe dera uma boa notícia, pois seus lábios se abriram num sorriso, aquele mesmo sorriso lindo e sensual a que Guilherme não resistia. Laura desligou o telefone e caminhou tranquilamente em direção à porta.

Às seis horas haviam chegado e Guilherme ainda não havia aparecido. Laura, já estava impaciente e andava de um lado para o outro no alto de belos saltos de verniz, ela estava especialmente bonita aquela tarde. Usava um lindo vestido preto com detalhes em um vermelho muito vivo e sensual com um belo decote que evidenciava seus seios não muito volumosos e sua pele

extremamente branca. O vestido terminava um pouco acima dos joelhos em uma lasca que deixava à mostra suas belas pernas. Finalmente, após uma tortuosa espera de 40 minutos alguém bate abruptamente à porta. Laura abre, era ele. Estava bonito como sempre, a figura descorada a sua frente, vestido casualmente, ele olhava o chão, como que distraído mas quando ela abriu a porta, ele ergueu os olhos vagarosamente, percorrendo centímetro a centímetro todo o corpo da mulher à sua frente. Ele estava extasiado em vê-la novamente mas, disfarçou seu encantamento ou ao menos se esforçou para tal.

– Guilherme, entre meu amor.

– Laura, isso aqui é um grande erro. Eu estou me esforçando. Nosso tempo já passou, você sabe.

– Eu sei melhor que você de tudo isso. Tanto sei que estou indo embora justamente para garantir que dessa vez o seu “nunca mais” seja realmente para sempre e não só até a próxima fraqueza de minha parte ou da sua.

– Mas foi você quem me fez vir até aqui. Eu não te procurei mais, desde aquele último encontro, eu jurei para mim mesmo que eu não faria mais isso com Margô.

– Suas juras não valem muita coisa, não é? Por isso que minha avó dizia que quem jura, mente. E você, pelo que me lembro de nosso último encontro, não se preocupou muito com Margô quando a deixou sozinha naquele hotel em plena semana de lua de mel, coitada. O que você disse a ela? Que o pneu furou? Que foi assaltado?

– Laura, por favor, se for para ter essa conversa que eu vim até aqui, eu vou sair por essa mesma porta agora mesmo.

– Não, me desculpe!

– Viu? É por isso que nós não demos certo, Laura nós não conseguimos ficar perto um do outro sem brigar. É melhor eu ir embora daqui, adeus.

Laura segurou-lhe pelo braço, suavemente, porém com firmeza o bastante para fazê-lo se voltar para ela. Então com a voz mais terna e olhos lacrimejantes disse:

– Não vá, por favor, fique! Essa será sua melhor sexta-feira 13, eu prometo.

– E não é que é verdade, Laura? Nem havia me tocado que meu aniversário esse ano caiu justo em uma sexta-feira, nossa, deu até um arrepio agora. Isso não dá azar?

– Para muitas pessoas o 13 é um número de sorte e a sexta-feira também, pois no sábado quase ninguém trabalha.

Guilherme riu, a piada improvisada não era engraçada mas ao menos o fizera esquecer um pouco a tensão do primeiro momento e o fez relaxar. Laura fechou a porta, os dois se olhavam intensamente nos olhos, era algo hipnotizante, não conseguiam parar de se olhar. Guilherme tinha olhos grandes e bonitos de um castanho profundo e Laura tinha os mais belos olhos negros de índia que Guilherme vira na vida. Seus rostos foram se aproximando cada vez mais, a respiração foi ficando pesada, ele sentia seu perfume em sua pele e se sentia inebriado, o sangue queimava-lhe nas veias e seus impulsos de outrora já vinham à tona com uma velocidade imensurável.

Ele a encostou na porta, apoiou os braços na parede, era forte o bastante para encurralá-la como uma fera ao brincar com

sua pequena presa. Mas, Laura de forma alguma seria uma caça, e sua aparente fragilidade fosse talvez seu maior trunfo. Aproximou-se mais e beijou-a com o mesmo ardor da primeira vez que se amaram sob a chuva em uma noite escura quando, ainda adolescentes, se entregaram pela primeira vez ao desejo mais incontrolável que sua carne já sentira até então e, até hoje, mesmo adultos. Tanto tempo depois, o mesmo sentimento nunca foi despertado por mais ninguém. Beijaram-se ardentemente e Laura teve que afastá-lo, não sem alguma dificuldade, pois ele estava descontroladamente cheio de desejo e se ela não o interrompesse ali, não parariam mais...

– Calma, meu amor, acalme-se.

– Você sabe, não é? Eu já te falei um milhão de vezes, eu nunca vou olhar para você e não sentir nada!

Laura riu ao lembrar-se da frase repetida tantas vezes em tantos encontros e até mesmo brigas que tiveram antes.

– Eu preparei um jantar para nós. Eu sei que é muito cedo, mas coma ao menos um pouco e assim ainda terá fome mais tarde para a festa que lhe aguarda em sua casa. Ah, eu comprei um champanhe para nós, vou pegar.

– Laura, me desculpe, mas eu não vim aqui para jantar ou beber nada. Eu vim por você Laura, e eu quero você. Apenas você. Laura beijou-o novamente com ternura, mas disse que ao menos o champanhe ele aceitaria afinal era seu aniversário e ela comprara a bebida especialmente para eles comemorarem. Guilherme assentiu com a cabeça sorrindo. Ela beijou-o novamente e desabotoou-lhe alguns botões da camisa, enquanto lhe mordida levemente o lábio inferior. Saiu para a cozinha olhando-o fixamente e sorrindo. Ela não mudou nada, era a mesma mulher

sedutora por quem ele havia perdido a cabeça há alguns anos. Era impressionante como quando estava sob seu domínio uma completa amnésia se apoderava de si, era como se não houvesse mais nada. O tempo não tinha passado, Margô não existisse, ele nem mesmo lembrava daquela aliança em seu dedo. Laura voltou rapidamente trazendo duas bonitas taças de cristal vermelho com champanhe rosé de excelente qualidade.

– Vamos brindar?

– Mas a que vamos brindar?

– Como você é bobo, Guilherme, a você! Feliz aniversário! Feliz dia das bruxas, feliz dia do azar, sei lá quantas coisas se comemoram juntas em uma sexta-feira 13.

– Dias das bruxas é que não é. Mas brindemos!

– A você!

– Não. Brindemos a nós!

– Então, que seja! A nós!

– A nós!

Os dois beberam um gole e beijaram-se novamente, Laura agora desabotoou o restante dos botões e acariciava o peito sem pelos, enquanto o beijava, suas mãos percorriam o corpo de Guilherme, pressionavam sua nuca, enquanto beijava seu pescoço suavemente. Ele estava completamente louco de desejo. Puxou-a com força para si, tomando-a em seus braços. Queria tê-la, queria possuí-la mais uma vez. A mulher que nunca foi capaz de esquecer ou resistir tinha que ser sua mais uma vez e seria! Laura o afastou

de repente, disse que como era a última vez dos dois, deveria ser realmente especial. Sugeriu que fossem para a cama, ela lhe propôs um jogo sensual, queria se divertir, e que ele precisava confiar nela. Cego de desejo, Guilherme aceitaria qualquer coisa, e a ideia de jogos apesar de estranha, pois para os dois sempre bastara dois corpos suados, era no mínimo tentadora.

– Na cama tem algumas amarras, veja. Eu vou amarrar você primeiro e nós vamos brincar, depois será sua vez...

– Laura, eu não sei não. Eu não gosto muito dessas coisas, e você? Desde quando anda com isso?

– Você nunca leu cinquenta tons de cinza?

– Não, mas já ouvi falar. Muito bem, se você quer assim, vamos logo. Eu só quero você, mulher. Eu quero você.

– Então, não fique aí olhando, venha para a cama e me ajude.

Guilherme deitou-se na cama de dossel antiga, um belo móvel de época, parte da herança do pai de Laura. Ele mesmo rindo muito ajudou Laura a amarrá-lo na cama e ficar imobilizado.

– Mas assim não vale, como eu vou tocar seu corpo? Se é o que eu mais quero.

– Agora é a minha vez... você terá a sua. Tenha paciência.

– Laura, você não está me amarrando muito forte?

Laura não respondeu, apenas sorriu, beijou-o nos lábios, no pescoço, no peito agora despido e assim percorreu todo o seu corpo arrancando-lhe suspiros e causando-lhe arrepios. Não

fizeram amor, mas pode-se dizer que, deixou-se ser usado por aquela mulher a quem tanto desejava, ele nem pôde tocá-la como tanto ansiava, mesmo assim, em seu rosto estava estampado um sorriso de felicidade ímpar. Guilherme abriu os olhos, para a bela mulher à sua frente, seminua em cima de si, com um sorriso de satisfação nos lábios.

– Agora é minha vez.

– Sim, mas antes, uma última brincadeira.

– O que você vai inventar agora, Laura?

Laura pegou um pano escuro que estava no criado-mudo, perto da cama, e novamente sobre o corpo de Guilherme ela pediu para vendá-lo.

– Ah, Laura isso não, sei lá o que você vai fazer quando eu estiver completamente cego.

– Nada que você não faria comigo, talvez.

– Não? Não mesmo? Tem certeza, ou talvez, você prefira, quem sabe, brincar de outra coisa...

– Vai, meu amor, deixa eu por isso nos seus olhos, eu te prometo que você não vai se arrepender.

– Está bem, mas é que eu gosto de ver você assim. Você é simplesmente maravilhosa.

Só não o bastante para ser a esposa de um homem como você, não é? Era o que Laura queria muito dizer, mas guardou as palavras para si, beijou-lhe sensualmente e vendou-lhe os olhos.

– O que você vai fazer agora? Laura? ... Laura? ...

Laura estava em total silêncio, mas Guilherme podia ouvir passos vindo em direção a cama, e pequenos soluços muito contidos, havia mais alguém ali e a pessoa estava chorando. Laura permanecia sobre seu corpo e observava a cena que se desenhava por seu próprio intermédio.

– Laura quem está aí? O que está acontecendo? Quem está aí Laura?

Silêncio, então ele sentiu que Laura saiu de onde estava e agora era como se jogassem sobre seu corpo folhas de papel.

– Quem está aí Laura? O que está acontecendo?

Quando Laura retirou a venda dos olhos de Guilherme a cena à sua frente era a seguinte: Laura agora de pé o olhava muito séria e estava vestindo um robe de cetim preto que cobria sua quase nudez. A seu lado estava ninguém menos que a esposa de Guilherme, Margô. Com os olhos vermelhos de ódio e tristeza, chorando muito, embora sem grande alarde. Ele olhou para a cama e descobriu o que lhe jogavam sobre o corpo. Eram fotos suas com Laura em encontros, em muitos encontros que ocorreram quando ele já estava com Margô. Havia também algumas páginas com prints de conversas que ela havia imprimido. Laura havia revelado tudo a Margô, cada detalhe do mais inocente ao mais sórdido. Margô, chocada com tudo aquilo, queria ao menos acreditar que ele havia mudado e daí nasceu a ideia de marcar aquele encontro, tudo ideia de Margô.

Laura sabia que aquilo aconteceria, mesmo assim concordou, afinal, ela queria isso, desmascarar Guilherme para sua esposa e destruir sua vida como um dia ele havia feito com a dela.

Tudo combinado, Margô, estava escondida na casa, no cômodo ao lado de onde Laura e Guilherme se encontravam. Havia chegado bem mais cedo e aguardava ansiosa a chegada de Guilherme, embora no fundo de seu coração, desejasse que ele não viesse. Seria mais fácil, ela iria embora, rasgaria todas as fotos, esqueceria aquilo e fingiria que tudo não passara de um devaneio seu, um pesadelo e pronto. Voltaria a ser feliz, ou ao menos tentaria.

Margô ouviu tudo, testemunhou tudo, poderia até mesmo assistir a toda a cena pela fresta da porta se quisesse e a verdade é que, não resistindo a tentação de olhar, olhou ainda uma vez, mas o que viu foi tão abominável para uma mulher que ama que não quis ver mais nada. Apenas aguardou enquanto as lágrimas lhe molhavam a face silenciosamente.

– Margô, o que você está fazendo aqui? Vocês duas, juntas?

Margô não dizia nada, apenas olhava o marido ali, ainda atado à cama, praticamente sem roupa, suado e o olhar incrédulo que lhe dirigia.

O que você fez comigo Laura? Esse era o seu glorioso plano de vingança? Me expor assim à minha mulher? Sua traidora desgraçada, eu devia saber que de você eu não deveria esperar nunca nada de bom, maldita.

– Eu só mostrei a ela quem você realmente é. Só isso. Se você não tem nenhum caráter, se enganou a todas as mulheres que te amaram na vida, isso, Guilherme, não é minha culpa e sim sua. O jogo acabou e você perdeu. Feliz aniversário! Divirtam-se na sua melhor sexta-feira treze, um ótimo dia para comemorar um aniversário em família. Então, agora eu vou me retirar de cena, comemorem! Margô, eu sinto muito, mas a ideia foi sua, eu já

sabia que daria nisso. Sinto muito por você ter o homem que tem e sinto mais ainda por eu nunca ter tido forças o bastante para me livrar dele, pelo menos até hoje. Adeus.

– Você fica, Laura! Você fica!

Margô finalmente havia conseguido falar e não apenas falar, mas nesse momento, com as mãos trêmulas tirou de sua bolsa um objeto muito brilhante e bonito, apesar de mortal, uma arma. Um belo modelo de ponto quarenta cromado que o próprio Guilherme havia comprado para defender a família há um ano atrás, quando se casaram.

– Você fica, e você, Guilherme, você agora vai me pagar por tudo o que fez passar aqui hoje e por tudo o que fez pelas minhas costas em todo esse tempo que esteve comigo e com essa mulher.

– Margô, pelo amor de Deus, o que você pensa que está fazendo?

Guilherme disse isso olhando desesperado para a arma nas mãos muito trêmulas de Margô, que nervosa como estava podia atirar a qualquer momento, pois ela não tinha nenhum conhecimento de armas e não saberia controlá-la. Laura estava estática e seus olhos arregalaram-se ao ver o que objeto que Margô retirou da bolsa, forçando-a a ficar no local no momento que pretendia deixar os dois a sós para que Margô pudesse derramar toda a sua fúria e dor. Mas ela pensava que isso seria feito em palavras, em lágrimas, e decisões definitivas, como um divórcio, talvez. Nunca esperava aquilo de Margô, mesmo quando ela lhe procurou na noite anterior a essa, em que beberam e elaboram o plano de vingança, a ideia de Margô era dar-lhe um flagrante para poder ver-se livre do esposo infiel. Ela nunca pareceu uma mulher

capaz de levar aquilo tão longe. Laura começou a se arrepender de ter revelado a Margô quem seu marido, na verdade, era e tentou dissuadi-la da bobagem que estava prestes a cometer.

– Margô, calma, eu sei que tudo isso é terrível, mas você já veio até aqui sabendo muito bem o que aconteceria. Você viu as fotos, você leu as conversas, todas elas mostraram a você exatamente o tipo de homem com quem você se casou. Ele estragou a minha vida uma vez. Olha pra mim, eu não consegui construir nada, Margô, nada. Não deixe ele terminar de estragar a sua, agora. Abaixei essa arma. Siga com o seu plano, saia daqui e peça o divórcio, livre-se dele de outra forma, não desta, Margô.

– Pedir o divórcio, Laura?

Margô começou a rir de repente, e enquanto ria, lágrimas caíam de seu rosto e molhavam o velho carpete cinza.

– Pedir o divórcio, para que, Laura? Para que finalmente ele pudesse ser somente seu? É para isso? Pois, não. Não haverá separação. Saiba que daqui eu somente sairei morta ou viúva.

Guilherme agora chorava, e pedia desesperadamente que Margô o soltasse, para que pudessem conversar. Tudo se resolveria, ela não precisava fazer aquilo, apesar de tudo ele ainda era o seu marido. Laura agora estava próxima à cama e os dois estavam na mira de Margô, ela poderia atirar em ambos se quisesse, a qualquer momento. Então ela disse:

– Laura, você, apesar de ser a amante do meu marido, a mulher com quem ele me traiu em plena lua de mel, inclusive. A mulher com quem ele me enganou por todos esses anos, se você não fizer nada para me impedir, se você aceitar que nós duas encerremos toda essa história aqui, hoje, esta noite. Eu a deixarei

ir, contanto, é claro, que fique calada.

– Margô, o que você está fazendo? Desde quando você é assim? Laura você não pode aceitar isso, você é a culpada de tudo isso, você disse que me amava!

Lágrimas caíam do rosto de Laura, na verdade os três choravam muito, mas Margô estava resoluta, suas mãos quase não tremiam mais e ela olhava fixamente os dois à sua frente. Laura respondeu e as palavras lhe custavam sair da garganta, eram como facas.

– Não. Eu não vou participar disso. Eu vim até aqui atrás de vingança, mas não isso, Margô. Isso é assassinato.

– É a minha vingança. E se não quer participar comigo vai participar com ele, na verdade ...eu prefiro assim!
Margô apontou a arma para Guilherme e fez um gesto rápido como se fosse atirar.

– Feliz aniversário, meu amor! Espero que goste do presente, ele está bem aqui.

Disse isso e apertou o gatilho, ouviu-se o barulho ensurdecedor de tiro, Margô havia fechado os olhos para conseguir atirar, e quando abriu-os novamente viu que Laura havia se jogado sobre o corpo de Guilherme, na direção da bala, e lá estava agora, coberta de sangue, o tiro lhe acertou em cheio o meio das costas, morreu na hora. Guilherme estava desesperado, chorava como uma criança com o corpo de Laura sobre si, imóvel e aquela sensação de sangue, ainda quente, daquela a quem havia amado, agora espalhava-se sobre seu corpo e sobre o lençol muito branco.

– Margô! O que você fez? Você ia mesmo me matar? Laura, aaaaah Laura, não! Não! Olhe o que você fez com ela! Como você pôde? Margô? O que você vai fazer? Margô, Não! Nãoooo!

Margô tremia, ainda com a arma na mão, mas não respondeu nada, apenas aproximou-se ainda mais da cama, apoiando os joelhos no colchão, duas lágrimas caíram-lhe da face, apontou a arma novamente para Guilherme, fechou os olhos e puxou o gatilho.

Por Isabel Brito

2

Morte na Rodovia

Relato 01: “Na BR 163, km 514, próximo a um posto de combustível. Era noite e chovia muito, um policial foi avisado por um motorista de que havia um local na estrada com muitas pessoas sinalizando, possivelmente um acidente. O policial foi até o local, mas não encontrou nada. Ele retornou ao posto de combustível, confirmou a informação com um frentista do posto de que um caminhoneiro havia visto um grupo de pessoas na margem da estrada, em desespero. O policial voltou ao local e novamente não encontrou nada. Contudo algo chamou sua atenção: sete cruzeiros indicavam vítimas de um acidente que havia acontecido anos antes.”

Relato 02: “Os moradores da pequena Cruzeiro do Sul, a 640 quilômetros de Rio Branco, no Acre, afirmaram ter visto uma estranha aparição de um homem de capa preta, chapéu de abas largas surgida na rodovia que leva ao aeroporto da cidade. Aparentemente, surge na estrada, diante dos carros e teve diversas testemunhas.”

O dia amanheceu de súbito. Eu estava com os olhos bem abertos mas não dei por mim da aproximação da luz da manhã, de modo que, quando me dei conta já era dia. Minha mulher estava ao meu lado, dormindo profundamente e eu a admirava nesta posição em que se encontrava. Era uma bela mulher, era sem dúvida uma bela mulher, não parecia mesmo ter os seus bem vividos 35 anos de idade. Estava deitada de forma angelical, meio de lado, meio de bruços como costumava ficar todos os dias, por todos esses anos. Mas agora era diferente, ela parecia e estava cansada. Seu ventre estava avolumado e minha semente nele crescia, aos poucos, dia a dia, noite a noite, como uma promessa de dias vindouros para um casal tão solitário e que ainda não tinha a sorte de possuir herdeiros.

Eu me casei cedo e ela, minha doce esposa, foi desde o início tudo aquilo o que eu desejava e não sabia, ela era a calma na tempestade e a tempestade no marasmo, ela me enchia de uma vida que eu mesmo não supunha existir antes de pôr os olhos nela. Era inteligente e sagaz. Vivíamos bem, em uma casa simples numa cidade pequena, tranquila e sem grandes acontecimentos, exceto pelas lendas, as histórias de criaturas terríveis devoradoras de homens ou fantasmas que apareciam para os transeuntes da rodovia. Essas e outras histórias faziam parte da cultura e do imaginário local, e o povo não cansava de as contar. Mas eram apenas histórias, causos populares e, francamente, sem o menor sentido.

No final da segunda semana de novembro o ar pairava quente e seco sobre nossas cabeças e a cidadezinha parecia que ia pegar fogo, minha esposa estava assentada sobre a grama seca embaixo de uma árvore que nos brindava com sua sombra. Ela tinha um sorriso inocente e acariciava a barriga que crescia mais a cada dia. Ela estava feliz. Era nosso primeiro filho, depois de anos de tentativas e promessas e rezas, nós finalmente iríamos ser pais.

Minha vida não poderia estar melhor. Mal sabia eu que tudo aquilo estava prestes a acabar para nós. Para todos nós, mas, principalmente para um de nós.

Lembro que uma certa noite estávamos deitados e eu dormia, ou achava que dormia e de repente despertei rapidamente com um barulho abrupto e gutural, era como se alguém tivesse arremessado algo sobre a parede de nosso quarto, algo que produziu um som meio oco, como se fosse um corpo de um animal, por exemplo. Levantei-me atônito e corri para a janela, abri-a olhei em volta. Nada! Não havia nada a não ser uma noite muito clara e iluminada por uma imensa e branca lua que pairava no céu, como um olho que tudo via e tudo sabia, mas nada revelava.

Fiquei alguns minutos ali, a observar o vazio da noite, neste momento notei que minha esposa não havia despertado com o barulho, portanto, eu devia mesmo ter sonhado e aquilo não passava de imaginação minha. Fechei a janela, deitei-me, mas não consegui mais dormir, sentia uma espécie de medo, uma sensação de imensa insegurança e de necessário estado de alerta como se algum mal pairasse sobre o meu lar naquela noite.

No dia seguinte eu levantei-me muito cedo, arrumei as minhas coisas e preparei-me para pegar o carro e trilhar os costumeiros 30 km que fazia todos os dias até meu trabalho, numa cidade vizinha onde as oportunidades de emprego eram melhores e eu podia assim, sustentar minha esposa e meu esperado filho. O motivo de morarmos na pequena cidade e não nesta onde eu exercia minha profissão era a segurança e a tranquilidade que esse lugarzinho pacato ainda oferecia a seus habitantes. Eu tomei banho, me vesti, tomei meu café, beijei minha esposa e a vi sair em direção a varanda para abrir as portas da frente, peguei minha pasta e quando ia saindo ouvi minha esposa gritar horrorizada.

– Vem aqui, vem aqui, agora!

– O que aconteceu?

– Eu não sei! Eu não sei! Mas olha!

– Olhar o que? Meu Deus! Mas que diabos é isso?

Na varanda sobre o chão de cor clara jazia inerte e ensanguentado o corpo de um animal, que visto de uma certa distância não se podia distinguir entre um cachorro, um gato, ou mesmo uma ovelha de pequeno porte. Eu me aproximei do animal abatido, pude averiguar, era um gato grande e robusto, de coloração clara mas quase totalmente destroçado como se tivesse sido atacado por um animal extremamente feroz. Sua face estava deformada e seus olhos haviam sido retirados. Naquele momento lembrei-me do som que ouvira na noite anterior e de como achei mesmo que haviam atirado alguma coisa na parede do meu quarto. Mas não havia nada aqui ontem, não havia nada eu podia ver claramente devido à forte luz do luar de modo que apesar de associar os fatos, aquilo tudo ainda não fazia o menor sentido.

Mas então, como aquele animal destroçado fora parar ali, na varanda de minha casa? Observei a parede à minha frente, havia um rastro de sangue coagulado, confirmando que sim, o animal fora atirado ali brutalmente algumas horas antes. Minha esposa estava muito assustada e agora me enlaçava pela cintura e perguntou o que estava acontecendo. Eu não sabia. Mas a sensação terrível e grotesca que experimentara na noite anterior aliada com aquela prova macabra apenas me faziam sentir uma náusea e uma sensação de horror que forçava-me a disfarçar para não assustar ainda mais minha esposa.

– Acalme-se, isso é certamente obra de algum vagabundo

drogado que resolveu se "divertir massacrando animaizinhos de rua, e não satisfeito o bonachão resolveu divertir-se mais ainda assustando a vizinhança ao atirar o resultado de seus brinquedos sangrentos na casa mais próxima, que por infortúnio foi a nossa. Não se tem mais um lugar verdadeiramente calmo e seguro nesse mundo. Que lástima. Mas, está tudo bem, eu volto já.

Então liberei-me do corpo do pobre infeliz e concedi-lhe ao menos o descanso eterno sob alguns palmos de chão. Mas questionava-me se uma morte tão horrenda poderia mesmo conceder paz a algum espírito. Fosse esse o mais simples e rudimentar, como o de um felino. Não, não podia. Havia muito sofrimento e horror ali para que a paz pudesse estar presente.

Esses pensamentos ridículos e sem o menor sentido vinham à minha mente e eu não conseguia entender o que realmente teria acontecido, embora a minha versão fosse tão boa e convincente que me agradava a ponto de realmente considerá-la como a verdade. De modo que ao voltar para casa estava totalmente convencido de que sim, certamente era um bêbado, um drogado, ou um louco, que tinham realizado ato tão cruel. Aconselhei minha esposa a trancar as portas e não receber ninguém e fui para o meu trabalho, esquecendo aos poucos tal acontecimento matinal.

Naquele mesmo dia, ao regressar do meu trabalho, eu estava um pouco distraído no carro, refletindo sobre algumas ocorrências banais do dia a dia. Uns papéis que estavam no banco do carona caíram no tapete do carro e eu fiz um movimento brusco para segurá-los, eu nem sei porquê, eram apenas papéis. Mas ao voltar o olhar na direção da estrada fui tomado de um susto e freei rapidamente o carro. Olhei em volta e notei algo estranho. Havia na estrada marcas de pneu queimado e algumas poças que pareciam ser de sangue e certamente eram. Imaginei algum

acidente na estrada e resolvi descer e verificar, alguém podia estar em apuros e necessitando de ajuda. Talvez até, pela quantidade de sangue que ali havia, a pessoa podia estar entre a vida e a morte.

Encostei o carro no meio fio e saí observando o local. Sim, as poças eram mesmo de sangue, sangue fresco, escuro e brilhante e não fazia muito tempo que estava ali. O cheiro ao redor era inóspito e causava-me arrepios. Não vi nenhuma moto, nem carro acidentado pelas ribanceiras que circundam o local.

Comecei a me sentir mal, e algo me dizia que precisava sair dali imediatamente. Mas eu já estava um pouco afastado da estrada. Andei então mais rápido quase tropeçando em plantas rasteiras que puxavam-me pelos sapatos. Corri, de repente apenas senti o cheiro de terra e o baque do meu corpo contra o chão, eu caí. Certamente tropecei numa pedra maior ao correr sem olhar direito para onde ia. Levantei-me sem grandes dificuldades. Eu havia apenas me sujado de terra, nada demais. Agora via o carro mais perto e pensei: estou quase lá. Vou pra casa. Esse dia já está esquisito demais para meu gosto. Mas, ao erguer-me do chão e virar-me para ver em que havia tropeçado, senti meu coração parar e o sangue congelar em minhas veias. Diante de mim, ali no chão, estava a origem das tais poças de sangue no asfalto. E dessa vez a origem do sangue era ainda mais cruel que a anterior, que estava na minha varanda.

Diante de mim, uma mulher aparentemente jovem, loira. Estava ali estirada no chão e coberta de terra e sangue. Não havia nada que especular sobre seu estado. Estava morta! Tanto sangue não podia estar fora de uma pessoa viva, estava de braços e eu de forma relutante empurrei-lhe para virá-la. A possibilidade de ser alguém conhecido me assombrava o cérebro que jazia atônito e adormecido como que numa realidade paralela. Eu movia com certa dificuldade, pois era uma mulher jovem e robusta. E

novamente faltou-me o ar, senti-me desfalecer ao observar paralisado que, assim como o pobre felino que a noite trouxera até minha casa, aquela pobre moça também tinha as órbitas vazias.

Levei as mãos à boca para segurar um grito de terror. Corri feito louco até meu carro e fiz o que devia fazer, fui até a delegacia mais próxima e fiz a ocorrência. Os policiais me acompanharam até o local, eu estava me sentindo absurdamente mal com tudo aquilo sentia que ia vomitar. Liguei para minha esposa e avisei que iria me atrasar um pouco devido a um problema de trabalho. Eu não queria assustá-la mais. Até porque ela estava grávida e tantos sustos seguidos poderiam lhe fazer muito mal. Nós nos aproximávamos mais do local e os policiais me faziam muitas perguntas que eu não sabia responder.

– É ali, exatamente ali. Eu parei meu carro neste local, vi as marcas de pneu no asfalto e as poças de sangue, imaginei tratar-se de um acidente de trânsito e fui ver se poderia ajudar. Mas eu acredito que neste caso, o que houve foi mesmo um terrível assassinato.

Relatei ainda que na noite anterior havia acontecido algo parecido em minha casa com o episódio do gato, no chão da varanda. Os policiais se olharam de forma esquisita, era como se tudo aquilo parecesse fantasioso demais para ser real. De repente percebi que havíamos passado do ponto onde eu havia parado o carro e não havia mais as marcas de sangue ou de pneu.

– Parem! Por favor, parem! Foi aqui, foi exatamente aqui que eu parei e foi ali naquela parte do mato onde há a ribanceira que eu tropecei em algo e cai, olhem estou sujo de terra e quando me levantei e virei vi a mulher no chão, sem os olhos.

– O senhor disse que haviam marcas pelo asfalto e poças

de sangue, mas não há nada aqui, senhor.

– Eu sei, eu sei! Eu também não estou entendendo nada, estavam aqui há apenas alguns minutos. Eu não entendo!

– Vamos procurar o corpo!

Segui à frente agoniado, não entendia o que podia estar acontecendo. Como aquelas marcas podiam simplesmente ter sumido? Era absurdo e louco demais para ser real. Mas havia o copo e isso era uma prova concreta de que aquilo tudo, por mais absurdo que parecesse, era sim real e estava de fato acontecendo. Eu caminhava lentamente procurando ao longe com os olhos identificar o exato local onde eu encontrara o corpo da mulher. Um suor gélido me percorria a espinha e não havia ali nenhum barulho, nada, nem vento, exceto o barulho de nossos pés pisando as folhagens esmaecidas e o som não muito silencioso de minha respiração pesada e do meu desalentado coração.

Aproximamo-nos mais do local e para minha total surpresa e absoluto espanto descobri que não havia nada lá. Apenas o local parecia ter sido revirado como se algum animal tivesse se deitado e rolado pelas folhagens dali. Os homens olharam, um balançou a cabeça, o outro disse:

– Vamos embora!

Um deles virou-se para mim

– O senhor nunca mais nos perturbe com seus delírios, aqui não há nada. Procure um médico ou pare de usar tantas drogas, isso está lhe afetando as ideias.

Sáiram resmungando

– Francamente... que total perda de tempo!

– Mas nós fizemos nossa obrigação.

– Por mim levaríamos ele preso só para deixar de ser louco.

– Que nada, João, deixe o homem! Acredito que ele já deva ter problemas até demais, não precisa de mais um.

Eu ouvia o diálogo enquanto eles se afastavam rindo em deboche da minha aparente loucura e, de fato era o que parecia haver, apenas um louco que estava vendo coisas que não existiam e nada mais.

Peguei meu carro e sai apressado para casa. Havia no ar um certo peso misterioso que tornava a atmosfera carregada de modo que o ar mal entrava em meus pulmões e eu respirava com dificuldade. Me rondava um horror supremo de que alguma coisa ainda estava acontecendo por ali e que tudo o que eu precisava fazer era ir embora e esquecer tudo aquilo, embora meu instinto me dissesse que aquela loucura toda ainda não tinha tido um fim.

Liguei o carro apressadamente e saí de lá em altíssima velocidade. Eu precisava chegar em casa e ver minha mulher. Eu estava, a esta altura dos acontecimentos, muito preocupado com ela e com meu filho que ela esperava. Finalmente cheguei em casa, tudo parece estar absurdamente calmo, tranquilo, de longe a vejo pela janela. Graças a deus estava tudo bem com ela. Eu parei o carro, mas percebi que havia um outro veículo parado em frente à minha casa. Aproximei-me mais e ouvi vozes, parei e fiquei a escutar que vozes eram aquelas. Minha esposa estava chorando, sim ela parecia estar chorando, assustado com aquilo eu me abaixei e fui até a janela que dava para a sala onde ela e dois

homens conversavam.

– Lamentamos muito senhora, mas não se pode fazer mais nada a não ser se resignar. – Não, não pode ser! Por favor digam-me que é mentira o que estão dizendo, por favor, não!

– Seu marido parecia estar transtornado, sabe me dizer se ele fazia uso de alguma substância química, remédios, algum tipo de droga, quem sabe.

– Não, meu marido não! Vão embora! Por favor, saiam daqui!

Eu a ouvia gritar em desespero e expulsar os homens que depois eu pude reconhecer. Eram os mesmos homens que há alguns instantes haviam me acompanhado pela estrada até o local onde tinha visto todo aquele horror. Mas o que eles estavam fazendo ali, na minha casa? Provavelmente se informaram sobre minha residência e vieram alertar minha esposa sobre minha suposta condição mental. Eles estavam saindo, resolvi enfrentá-los e, ainda que acabasse sendo preso, iria limpar o meu nome e exigir-lhes uma boa explicação para eles estarem ali na minha casa assustando a minha mulher grávida. Eu não sabia se estava mais odiado pela atitude daqueles policiais ou preocupado com o estado psicológico de minha mulher. Então, quando eles caminharam na direção da porta para saírem eu me pus diante deles e os encarei efusivamente.

Olhei-os no fundo dos olhos, a um, depois a outro, mas eles mantiveram inalteradas as expressões e continuaram a andar. Eu falava alto e dizia-lhe coisas terríveis, mas eles não manifestavam nenhuma reação, nada! Apenas olharam-se numa expressão de pesar e continuaram a andar. Eu então, já desesperado e sem compreender o que estava acontecendo, tentei impedi-los e abri

os braços na tentativa de barrar-lhes a passagem. Minha mente agora entrava em parafuso, pois eu vi, como num sonho dantesco, os dois homens prosseguirem livremente o seu caminho atravessando-me como se eu não existisse. Olho para a porta de minha casa, minha mulher está aos prantos, desesperada.

Então eu me dou conta, eu finalmente percebo o que está acontecendo, aquela sensação de peso no ar, aquela estranheza na volta para casa. Mas o que aconteceu comigo? Eu estava vivo, eu me sentia vivo, eu dirigi o carro até minha casa. Eu estava vivo. Por que não me viam? Por que não me ouviam? Não, aquilo não estava certo. Dirigi-me ao meu carro, liguei o motor e sai cantando os pneus, mas ela não ouviu, ela não viu. Eu precisava voltar até o local onde encontrei o corpo da mulher, precisava ir em busca de respostas.

Quando me aproximei do lugar vi que estava tudo interditado. Carros da polícia, uma ambulância e muitos espectadores a observar a cena que se desenhava na minha frente naquele momento. Havia marcas de pneus no asfalto, muitas marcas de pneus, certamente uma colisão, eu me aproximei mais da cena e pude ver os carros amassados e dois corpos estirados no chão. Havia sangue, muito sangue, por todo lado.

Era um homem e uma mulher, a mulher era pelo que pude ver jovem, loira e alta, estava deitada de bruços, mas dava para observar que ela teve o rosto totalmente desfigurado pela violência da batida, sobretudo a parte onde deveriam estar os olhos. Eles não estavam mais lá, as órbitas eram apenas dois buracos negros que davam para um abismo sem fim. Era a mesma mulher que eu encontrara perto da estrada. Era ela! E havia um homem, que estava no outro carro, provavelmente. Um homem mais ou menos da minha idade e estatura. Eu me aproximo mais pois aquilo me causou uma sensação terrível de horror.

Os homens do IML aproximaram-se para recolher os corpos. Eles, então, viraram o homem morto, que estava também de bruços, de modo que não se podia ver o seu rosto. Era eu! Eu estava ali, estirado na estrada, ensanguentado e, assim como a mulher misteriosamente tinha as órbitas vazias. Como podia ser? Eu estava vivo, vivo e estava observando tudo aquilo, estava enxergando eu tinha meus olhos, eu tinha minha vida. Os homens fecharam os sacos com os corpos dentro.

– Há ainda mais alguma coisa aqui?

– Não senhor, apenas estes pobres infelizes.

– O que você acha que aconteceu com eles?

– Acreditamos que o acidente tenha sido ocasionado por algum animal que tenha atravessado o caminho.

– Alguém viu alguma coisa?

– Um homem velho que mora nessa mata disse que estava juntando lenha quando viu uma mulher tentar desviar de um gato, ela acabou perdendo o controle do volante no mesmo instante em que, na direção contrária vinha o carro deste outro senhor, que provavelmente também estava distraído e então houve o acidente.

– Mas e quanto aos olhos deles? Nós não temos apenas um acidente de trânsito aqui. Estes corpos foram mutilados.

– Quanto a isso ainda não sabemos nada. O homem disse que outros carros que vinham no mesmo percurso pararam e chamaram a polícia. Mas, os corpos já estavam assim.

– Ei, espera, disse que um velho que mora na floresta viu o acidente?

– Sim, foi o que soube.

– Aqui só tem um sujeito que bate com sua descrição e pelo que sei, o homem que mora nesta mata é um velho sim, mas ele nunca poderia ter visto nada. É cego.

– Estranho demais. Muito estranho!

E então eu começo a compreender um pouco de toda aquela situação terrível e macabra. Quando volto novamente os olhos para o local onde estão os corpos, vejo a mulher loira, sentada a olhar desesperadamente para o seu corpo sem vida, mas ela também não me via e ninguém via ela. Nesse momento, vejo o gato, o mesmo gato, que encontrei em minha casa sem as órbitas, mas esse agora tinha dois olhos muito bonitos e vivos, de um azul intenso e com expressões estranhamente humanas. Havia um homem ali também, ao longe, parado. Um velho. Ele assobiou e o gato saiu andando friamente em sua direção. O homem de quem ouvi os policiais falarem! Certamente. Era ele, tinha de ser ele.

Era um velho de aspecto nada agradável e cenho fechado, ele usava roupas velhas e uma capa preta com capuz, eu o encarei efusivamente, mas ele aparentemente também não me via. Então eu me aproximei mais do velho. Eu queria ver o seu rosto, queria ver quem era aquele homem. Tinha alguma coisa muito errada naquilo tudo e eu precisava entender. Afinal, se estava mesmo morto, não tinha mais nada a perder. O homem parecia não me ver, aliás, ao aproximar-me mais, vi bem claramente que seus olhos eram brancos com córneas mortas e sem vida alguma. Um calafrio percorreu novamente a minha espinha, mas, se eu já estava morto, como podia ter essas sensações de um homem vivo?

Eu não podia entender.

O homem então, virou-se na minha direção e começou a rir uma risada sem dentes, e terrível, e, como feitiçaria, ele se pôs, numa rapidez absurda exatamente diante de mim. Com uma força esmagadora e incomum, pegou-me pela nuca e me puxou na sua direção, na direção de seu rosto. Eu fechei os olhos com força, horrorizado com aquilo. Mas ainda podia ouvir sua voz terrível que me dizia: olhe para mim! Apenas olhe para mim!

Meu corpo inteiro foi relaxando, tornei-me fraco, sem ânimo, era como se eu não conseguisse resistir ao comando daquele homem, que de velho indefeso não tinha nada. Eu, então, levantei a minha cabeça e o encarei horrorizado. A minha visão estava um pouco embaçada, escura, talvez pelo horror do momento, mas ele insistia em sua terrível fala com aquela voz que mais parecia vinda dos infernos.

– Olhe para mim! Olhe para mim! Apenas olhe!

Cansado, atordoado, sentindo a mente confusa, e sem domínio próprio, eu ergui novamente a fronte e o olhei nos olhos, os seus olhos...os seus olhos...estavam... eles estavam vivos de novo.

Não tinham mais a pele morta e branca da cegueira, estavam vivos, vivos e eram jovens e castanhos. Os meus olhos! Eram os meus olhos nas órbitas dele! Vi isso de relance e o mundo ao meu redor ia desaparecendo aos poucos.

O homem riu novamente, agora satisfeito. Ele me largou ali no chão. Em cenas de borrões eu ainda pude divagar a uma certa distância, a mulher, em gritos de horror, perdida na sua escuridão. E o gato ao seu lado observando-a com seus novos e belos olhos azuis e, então, no meu inevitável e terrível grito de horror, eu vi meu próprio mundo escurecer para sempre.

3

A cúmplice

Viviane tinha apenas cinco anos quando sua mãe, Jardilene, após um de seus muitos episódios de bebedeira e abuso de drogas, resolveu cedê-la como um brinde a um de seus clientes da noite. Prostituta, pobre, sem nenhuma instrução. Tudo isso poderia ser usado como desculpa quando ela engravidou cedo, aos 14 anos e poderia ainda ser usada como desculpa agora. Mas não, era perversidade.

Assim que soube de sua gravidez, tentou a todo custo interrompê-la com poções e remédios caseiros. Mas, quis o destino que Viviane, apesar de todas as tentativas de sua nada amável mãe, viesse ao mundo. Mesmo quando no dia em que nasceu esta tenha, em fúria de ódio, espancado a própria barriga até ficar roxa. Passou mal, algumas pessoas acudiram, chamaram uma senhora dona de barraquinha de feira que já tinha feito alguns partos e Viviane nasceu. Era milagrosamente forte, cheia de vida e saudável.

Sua força e saúde porém não durariam muito, pois a mãe nunca foi a mais amável para com a filha, nunca teve o menor cuidado com a pequena. Nunca quis fazer um carinho sequer em sua filha, e nem nunca sorriu quando ela lhe olhava consternadamente com o olhar doce da cria para a mãe. E assim, a pobre menina foi crescendo em uma velha casa convivendo com uma mãe inescrupulosa e em meio a um ambiente repleto de festas, bebedeiras, prostituição e drogas. Nunca conheceu o pai e nem sua mãe mencionou essa palavra a ela.

Vivia triste, pelos cantos como um bichinho, quase sempre doentinha pelos poucos cuidados da mãe, sempre chorando. Mas, após os sete anos de idade, ela parou de adoecer, ela parou de chorar. Não se sabe ao certo o que aconteceu, mas ela nunca mais foi vista chorando ou doente. Viviane agora parecia uma pequena miniatura da mãe, o ar zombeteiro e de desdém começava a se

desenhar em seu rosto até então angelical e doce e aparentemente alguma força sombria também estava começando a se apoderar de si.

Viviane, apesar de tudo o que continuava a ocorrer ao seu redor, crescia rápido e esperta, no entanto era cada vez mais arredia. Não tinha amigos e se mostrava quase sempre violenta. Em brincadeiras ela não interagia com ninguém e quando alguém a incentivava a participar e esta tentava, se algo desse errado, quando alguma coisa saía de seu controle, ela reagia de forma totalmente agressiva. Isso assustava as outras crianças que começaram a ter medo dela.

Certo dia em uma brincadeira de pique, quando tinha oito anos, um garoto mais novo zombou dela porque ela tropeçou, ela o agarrou pelo pescoço como se fosse uma de suas bonecas, e o agarrou com tanta força que quase o levantou, sua face se contorcia de ódio e o garoto ficou totalmente sem cor. Ela estava o enforcando quando as outras crianças perceberam que a coisa era séria e gritaram por seus pais. Chegaram alguns adultos e os separaram. Os olhos dela faiscavam de ódio, mais por ter sido impedida de concluir seu intento que talvez pelo que o próprio menino tivesse lhe feito. Os pais do menino foram falar com Jardilene, que obviamente, reagiu como o esperado e Viviane ficou uma semana sem aparecer na escola naquele inverno.

A surra que Jardilene lhe deu foi tão forte que Viviane ficou com a visão do olho direito embaçada por dias, e as manchas pelo corpo demoraram para desaparecer, principalmente porque sua mãe novamente a deixou para ser o brinquedinho de seus clientes como castigo pelo que fez. Mas as manchas no corpo, estas ao menos sumiriam um dia, ao contrário do seu ódio que só aumentava cada dia mais. Viviane, apesar da tenra idade, apesar de ser uma criança, havia perdido o que lhe restava de inocência ali,

naquela noite da surra, com o sangue, misturado aos risos da sua mãe e ao cheiro forte de suor e cigarros do senhor Alfredo. Acabada aquela diversão sádica, Viviane se levantou, vestiu-se, saiu se segurando nas paredes. Eles iam pagar. Eles iam pagar!

Saiu. Resolveu caminhar, saiu sem rumo. Andou até chegar em um velho parque onde as crianças costumavam ir para brincar. Era inverno em Serra dos dois irmãos, naquela época chovia muito e não havia nenhuma criança ali naquela hora. Deviam estar em casa com suas famílias em camas aconchegantes tomando seus chocolates quentes. Viviane sentou-se recostada em uma árvore fitando o céu. Seus olhos queimavam, assim como seu corpo que doía e estava todo marcado da surra que levava. Um olho quase fechado, ela enxergava com dificuldade, mesmo assim, não lhe caía uma lágrima. Foi então que ela avistou um vulto ao longe, muito embaçado. Era outra menina, aparentemente da mesma idade e caminhava em sua direção.

– Oi, qual seu nome?

– Viviane.

– É um belo nome, Viviane, mas o que houve com você? Quem a machucou?

– Ninguém.

– Ninguém? Tem certeza? Você se machucou sozinha? Acho que não vou acreditar nisso, sabia?

– Como se eu me importasse...

– Ah, você não se importa, não é? Acho que quem fez isso com você deve se importar menos ainda, não acha? Sabe o que eu

acho, Viviane? Quer saber o que eu realmente acho?

– Não. Dane-se o que você acha. Eu nem sei quem você é sua idiota intrometida.

– É verdade. Você não sabe mesmo, como sou descuidada! Eu me chamo Jéssica, Jéssica Moura. Eu me mudei pra cá há alguns dias com minha irmã mais velha. Nossos pais morreram em um acidente há alguns meses. Deve ser por isso que ainda não nos conhecemos. Mas, continuando, Viviane, creio que deve e quer saber o que eu acho disso.

– Seus pais morreram?

– Sim, mas não importa. Já passou. Estamos bem agora.

– Como foi que aconteceu?

– Um incêndio, eu e minha irmã estávamos na escola, escapamos por sorte. Quis o bom Deus que vivêssemos. Ela havia ido me deixar muito cedo. Nossos pais ainda dormiam de tão bêbados que estavam e o velho fogão de lenha...bom, acidentes acontecem, você sabe.

– Entendo...

Ela entendia, ela realmente, misteriosamente, deliberadamente entendia o que Jéssica, não muito mais velha que ela, lhe contava com face imperturbável, como os pais acabaram morrendo no acidente com o velho fogão a lenha na casa de taipa e ela a irmã, cansadas de apanhar, se viram, por fim, livres de uma prisão que parecia eterna e vieram parar ali, naquele pequeno vilarejo. Agora sobreviviam de fabricar pães e vendê-los pela manhã na feira.

Viviane se recuperou bem, em uma semana voltou a escola e lá estava sua nova companheira, usando o mesmo uniforme xadrez que todas as outras crianças. Ela sorriu e caminhou até ela, enquanto todas as outras crianças iam na direção contrária à sua.

– Enfim a senhorita resolveu aparecer, anh? Achei que não viria nunca.

– Eu ...Eu ainda estava muito doente.

– Eu sei...

– Mas agora que está aqui, podemos nos divertir um pouco, não é?

Disse isso sorrindo ironicamente e apontando para as outras crianças que se afastavam delas com ar de medo. Viviane, percebendo suas intenções, sentiu raiva de toda aquela gente que sempre a julgou por nada e riu também. Se era assim que a viam, então era exatamente assim que ela iria ser. A imagem no espelho não é afinal o seu reflexo? Ela não sabia. Era pequena demais para descobrir e o mundo cruel demais para que tivesse tempo o bastante para um amadurecimento correto, era preciso crescer rápido. Mas a que custo?

– Você acabou não me dizendo o que começou aquele dia que nos conhecemos. O que você achava sobre o que me aconteceu...

– Não se preocupe. Logo saberá o que deve fazer e isso é tudo.

Naquele mesmo dia, Jéssica disse que levaria um presente a Viviane, um presente que ela nunca esqueceria. Viviane passou o

dia inteiro pensando no que seria o tal presente, não conseguia parar de pensar no que aconteceria, o dia foi passando, as horas corriam devagar, minuto a minuto, derramavam-se vagarosos, sem pressa, como se o mundo não se importasse com sua espera. Já era quase noite, sua mãe estava toda arrumada, disse a ela que aquela noite viria o senhor Alfredo e outros, estavam felizes, queriam comemorar, ela ia se dar bem, ia gastar muito dinheiro... Viviane talvez precisasse ajudar...era pequena e bonita e eles pervertidos e doentes.

Então, Jéssica apareceu sem que ninguém a visse pelos fundos da casa, Viviane saiu correndo com ela e se esconderam perto de umas árvores, numa clareira, na floresta.

– Eu disse que viria, não disse? Eu sou seu anjo, não sou?

– Você? Você é uma pirada isso sim!

– Agora, escute, o que você vai fazer é muito sério. Eu sei o que sua mãe faz, eu tenho me informado por aí, eu sei o que ela faz com você. Eu sei o que aconteceu aquele dia. Mesmo que não tenha me contado. Eu preciso que você faça exatamente o que eu vou lhe dizer, é muito importante que você tome muito cuidado, entendeu?

– Sim, eu terei. Mas o que...

– Neste embrulho tem “O seu presente”: uma garrafa de vinho, e um batom. Mas o presente que lhe ofereço hoje, Viviane, na verdade é a sua libertação.

– Mas Jéssica, como um batom e um vinho irão me ajudar, não estou entendendo.

– É mais simples do que parece. Preste atenção: O batom você deve deixar para que sua mãe encontre nas suas coisas, você sabe o que vai acontecer, não sabe?

– Eu, acho que sei...

– Que bom, garota esperta.

– E o vinho?

– Seduza os desgraçados, faça-os beber isso... e pronto. Sua noite será feliz.

– Onde você conseguiu tudo isso? Jéssica?

– Isso realmente importa?

– Acho que não.

Viviane estava extasiada, não sabia mais o que dizer, olhava Jéssica nos olhos incrédula, ela estava com uma expressão sombria e não parecia ela mesma, parecia outra coisa qualquer, possuída por uma entidade ou alguma força sobrenatural, ela não sabia, mas era como se não fosse sua amiga ali.

Voltou para casa ligeiramente e com uma felicidade que não reconhecia. Viviane fez exatamente como Jéssica a ensinou e quando sua mãe a viu de relance no quarto com o batom prestes a passar nos lábios, entrou subitamente e surpreendeu-a com um safanão.

– Sua vagabunda, o que pensa que está fazendo?

Jardilene tomou o batom das mãos de Viviane, e a fez dizer onde havia conseguido aquilo. Ela disse que estava caído na rua, que alguém devia ter perdido e que como havia achado, agora era dela.

– Seu? Desde quando você tem alguma coisa aqui? Esta maravilha aqui é minha.

Estava tudo saindo como o esperado até então. O vinho já estava no lugar, o batom já estava no poder de sua mãe, agora era só esperar o show. As horas continuavam a passar, logo começaria...

Alfredo chegou, e os outros, começaram a beber muitas garrafas de vinho, entre elas uma especial, Jardilene também bebia e estava usando o batom, mas nada estava acontecendo, nada. Viviane começou a se preocupar. Teria sua amiga lhe traído assim como todos os outros? Mais algum tempo passou e nada acontecia... até que finalmente depois de algumas boas horas de bebedeira um dos homens foi se levantar e caiu, teria sido o vinho especial? Ou apenas o mero efeito da bebida? A mãe de Viviane estava retocando o batom... e ria, ria lindamente para o espelho, mas, de repente, ela parou de rir e Viviane a ouviu gritar. Colocou a cabeça discretamente pela fresta da porta e pode ver, sutilmente, um homem caído no chão. Parecia agonizar como um inseto esperneando inutilmente, o outro, Alfredo, revirava os olhos como se não conseguisse respirar, estava em uma posição estranha no sofá e sua mãe via horrorizada a pele dos lábios se desprender e depois cair, retirada a primeira camada sobreposta no inofensivo batom, um outro conteúdo, este extremamente corrosivo, castigava seu rosto, que era, agora, uma pintura moderna e grotesca, cheia de sangue e ela gritava, gritava muito.

Viviane observa isso do seu canto apenas rindo baixinho e se perguntava se sua mãe também havia ou não bebido o seu vinho especial. Se tivesse, era apenas uma questão de tempo, até aqueles lindos gritinhos pararem, enquanto pensava isso os gritos cessaram de repente. Viviane riu, agora alto. Ela havia tomado o vinho, afinal. Todos tinham. Sua noite teve um “final feliz”, como sua amiga prometeu.

Ela, habilmente pegou a garrafa de vinho que continha o veneno e o batom e os enterrou bem longe, na floresta. Pegou uma faca, e forjou uma aparente e convincente briga por ciúmes que não deixaria nenhum espaço para quaisquer outras dúvidas. Estava feito!

Não havia mais Jardilene para lhe fazer mal, não havia mais Alfredo e os outros para lhe meter medo. Viviane nunca foi tão feliz. Ela não conseguiu ou não tentou fingir nada. Sem lágrimas, sem lamento, sem demonstrações de medo, para uma criança, aquilo era, no mínimo, anormal e incomum. Os policiais e as pessoas estranharam sua total ausência de sentimentos, mas supuseram que estivesse em choque e que aquilo fosse passar, mas não passou.

Algum tempo depois, Viviane foi encaminhada à adoção, já estava com dez anos quando conseguiu com muita dificuldade uma família que lhe acolhesse

Quanto a Jéssica, ela só a viu na manhã seguinte, a noite em que se livrou de sua mãe e dos outros, quando a cidade inteira apareceu também, todos chocados e curiosos com o que havia acontecido ali. Jéssica também estava lá, mas não se aproximou, ao contrário, ficou andando sorrateiramente por entre as pessoas e a olhava com um meio sorriso no rosto, mas não se aproximou. No rosto de Jéssica estampava-se o meio sorriso de sempre, mas

Viviane não pode sorrir de volta à sua pequena cúmplice, as luzes piscaram devido às muitas fotos, Viviane fechou os olhos por alguns segundos, cegando pelas luzes, e Jéssica desapareceu na multidão.

As coisas iam muito bem para Viviane agora, sua nova família era formada por Celeste, uma mulher de 44 anos, muito amável, Mário, de 50 anos, muito calado e focado sempre no trabalho, quase não parava em casa e Roberto, um menino de cinco anos, que eles haviam adotado no ano anterior. O casal não podia ter filhos devido a um problema de saúde de Celeste. Mário, apesar da aparência fria, era muito amoroso com sua esposa e acabou convencendo-a de que a adoção talvez fosse o caminho para que eles pudessem finalmente construir sua família.

Viviane mudou-se para a casa do casal, era uma cidade nova e tudo era diferente, mas os dias passavam e ela não conseguia se acostumar. Era tudo muito estranho. Um mundo totalmente novo, o qual ela nem mesmo sabia que existia. A casa era deslumbrante, linda e limpa, totalmente diferente do casebre imundo e repleto de garrafas vazias e homens bêbados. Celeste lhe comprou roupas novas, bonitas e confortáveis. Viviane estava acostumada a usar restos e roupas velhas que sua mãe ganhava de outras pessoas que não queriam mais e tinham pena da menina. Agora, andava limpa, arrumada e cheirosa. Mas ainda não falava nada e nem sorria.

Roberto, o Betinho, tinha medo dela, nunca se aproximava, por mais que sua mãe adotiva insistisse em que os dois fizessem amizade, afinal, agora eram irmãos, mas o menino tinha uma aversão total à sua nova irmãzinha. Viviane também não gostava dele. Ele lembrava aquelas crianças da sua antiga escola que corriam quando a viam se aproximar. O ódio novamente crescia em seu coração ou talvez, nunca tenha ido

embora de fato.

Celeste um dia saiu com Mário e deixou as crianças em casa sozinhas, afinal Viviane já era grandinha o bastante e Betinho precisava se acostumar com a presença da irmã, sem falar que eles iam apenas até o mercado e não demorariam.

– Viviane?

– Sim, Celeste.

– Me chame de mãe, Viviane, somos uma família agora.

– Sim, Celeste.

– Ah Viviane, por favor, eu sei que aconteceram coisas ruins e eu nunca vou substituir sua mãe, mas somos uma família agora, meu bem. Eu estou aqui, viu? Eu e Mário vamos ao mercado rapidinho, precisamos comprar algumas coisas, você pode tomar conta do Betinho para nós enquanto saímos por favor?

– Claro, Celeste. Pode ficar tranquila.

– Ótimo, querida. Nós não vamos demorar, certo?

– Certo!

– Se quiserem comer alguma coisa, tem lanche na geladeira.

– Pode ficar tranquila, Celeste.

Quando Betinho acordou aquela manhã encontrou Viviane sentada a seu lado em sua cama com uma faca na mão. O

pobre menino levou um susto e gritou por sua mãe, mas ela não estava lá. Como estava apertado, uma mancha foi tomando forma na colcha...

– ohhh o menino fez xixi nas calças? Seu pirralho miserável, sabe o que eu vou fazer com você se contar a alguém que eu estive aqui, você sabe? Eu vou fazer um lindo desenho com essa faca na barriguinha do neném.

– Mãeeeeeee!

Betinho chorava e chamava desesperadamente por sua mãe em vão, ninguém o ouvia.

– Ooohh o nenezinho quer a mamãe? E onde está sua mãe agora? Eih? Ela foi embora sabia? Ela disse que não gosta mais de você, que você é uma total perda de tempo, seu vermezinho miserável. A mamãe foi embora e deixou o nenezinho mijão aqui, comigo. Sabe de uma coisa, se eu fosse você, eu ia embora também. Afinal, se eu não gosto de você, se você não gosta de mim e se a sua mamãezinha não quer mais você, o que você está fazendo ainda aqui? Vá embora!

Viviane disse isso balançando a faca no ar como se fosse fazer algo com ela, Betinho estava apavorado e não conseguia parar de chorar.

– Se você prometer que vai embora, que vai sumir daqui e nunca mais voltar, eu deixo você ir... e não farei nada com você. Você vai, nenezinho mijão?

– Me deixa ir? Não vai me matar?

– Eu juro que não!

O pobre menino saiu correndo desesperadamente em direção as escadas para ir embora e fugir dali, mas em seu total desespero, tropeçou em alguns brinquedos que estavam no meio do caminho e caiu, rolou degrau por degrau toda a imensa escadaria que dava até o primeiro andar e lá ficou, sem vida, no chão. Quando Viviane ouviu o barulho e foi olhar, ela não conseguia acreditar no que via.

– Que idiota, nem mesmo me deu o trabalho de ir atrás dele.

Quando Celeste e Mário chegaram a cena era inenarravelmente triste. Desta vez, até para conseguir se safar, Viviane tentou simular um pouco de tristeza e dor, disse que estava na cozinha quando ouviu o barulho e correu, deparou-se com a cena horrenda e imediatamente ligou para o celular de Celeste. O pequeno funeral foi o mais triste que aquela cidade já vira, o menino era muito querido por todos, muito alegre e doce, certamente não merecia tal fim. Betinho foi enterrado numa bela manhã de sol azul num pequeno cemitério com muitas flores, os anjos sorriam ao receber mais um entre si. Viviane ria por dentro olhando o caixão mas, de repente uma imagem lhe chama atenção, ela avista alguém ao longe. Resolve se afastar do grupo e ver de quem se tratava, mas a pessoa caminha mais depressa em direção à saída do cemitério, Viviane acelera o passo para acompanhar a pessoa misteriosa que lhe parece extremamente familiar, quando está quase alcançando-a, uma mão lhe puxa o braço.

– Onde você pensa que vai Viviane?

– Eu, eu não vou a lugar algum.

– Fique conosco, seu irmãozinho acabou de falecer.

– Ele não era meu irmãozinho!

– Viviane ...

– Sim, Celeste, me desculpe!

Uma vez de volta à casa tudo era lágrimas e Viviane não suportava mais ouvir aqueles dois chorando o tempo todo por causa daquele infeliz, também não havia entendido bem como Betinho havia caído da escada. A ideia até então era apenas amedrontá-lo e fazê-lo fugir de casa, sumir dali. Não pretendia, de fato, matá-lo. Ele era um inútil. Apenas isso, não havia uma necessidade real de matá-lo, mas ele estava morto e não havia nada que ela pudesse ou quisesse fazer. Não se importava. Nem gostava dele mesmo, afinal.

Eles tinham que se calar, que se calassem! Ou ela mesma daria um jeito de acabar com aquilo. Então, pela noite quando finalmente dormiram, Viviane levantou e foi até a cozinha e preparou um chá. Pegou suas coisas, algum dinheiro da carteira de Celeste e Mário e saiu sem olhar para trás. Foi embora.

Ao amanhecer do dia seguinte, Viviane estava sentada em um banco de um parque, num lugar muito movimentado, ainda não muito longe da casa de seus pais adotivos e viu os carros dos bombeiros passando na direção da casa. Havia fumaça no céu. Quando percebeu que estava sendo observada, levantou e apressou o passo, mas a pessoa começou a acompanhá-la, ela afastou-se cada vez mais até que a pessoa puxou-a pelo casaco.

– Viviane! Não me conhece mais?

– Você? É você? Mas como você veio parar aqui? Como me encontrou?

– Eu sempre encontro você, Viviane! Eu sou seu anjo, esqueceu?

Viviane olhou a pessoa à sua frente assombrada.

– Mas você não envelheceu um dia sequer, como?

– Isso realmente importa, Viviane?

– Sim! Agora importa!

A resposta mudara. Jéssica estava à sua frente exatamente igual há três anos, as mesmas roupas, o mesmo cabelo, o mesmo olhar e riso zombeteiro de sempre. Viviane simplesmente não entendia como aquilo podia ser real. Como ela podia ter lhe achado ali se ninguém tinha seu endereço, se ninguém sabia notícias suas. Jéssica como sempre era um mistério, mas Viviane agora estava mais astuta e curiosa e Jéssica teria que se explicar.

– Eu sempre estive com você, em todos os momentos, Viviane, sempre. Quem você acha que empurrou o garotinho ontem da escada? Aquele moleque irritante. E quem “esqueceu o gás ligado” hoje pela manhã? Olhe para o céu! Veja a fumaça preta, só não está mais escura que os corpos daqueles otários que te adotaram, não é? Você me diverte tanto, criança...

– Quem é você? Jéssica? Quem é você? Eu não ia matá-los Jéssica, eu não ia...

– É claro que você ia, você gostou! Acha que eu não sei o quanto você gostou? Você gosta do sangue em suas mãos Viviane. Você foi a responsável pela morte da sua própria mãe, esqueceu? E também aqueles bêbados miseráveis.

– Você sabe muito bem porquê eu quis matar aqueles monstros, você sabe! O Betinho não, os pais dele não! Eu só... Eu só queria assustá-los, só isso!

– Será mesmo? Você consegue apenas assustar? Ou age como um gato, que pensa que está apenas brincando com o rato e acaba por tirar-lhe a vida enquanto se diverte? E você, você, criança, você, me diverte!

Enquanto esse curioso diálogo acontecia, dois homens vestidos de branco aproximam-se silenciosamente. Após a última quase tragédia, que não se concretizou pois seus pais adotivos conseguiram perceber o cheiro de gás e sair a tempo. Estes alertaram a polícia que, com a ajuda de outros policiais e cidadãos de Serra dos dois irmãos, que já conheciam o histórico de Viviane, e das coisas estranhas que aconteciam ao seu redor. A polícia, em vista de tais afirmativas sobre as quase inacreditáveis ações de uma criança, achou coerente ter o apoio de uma instituição de tratamento psiquiátrico que foi imediatamente acionada para verificar o estado psicológico de Viviane. Eles estavam atrás dela e ouviram tudo, ouviam enquanto ela misteriosamente conversava aparentemente com o nada. Um dos homens a segurou por trás, imobilizando-a.

Viviane nunca confessou os crimes, disse que tudo foi arquitetado por Jéssica e que ela, Viviane, era apenas mais uma peça num tabuleiro em um jogo que ainda não havia acabado. Seu estado mental apenas piorou cada dia mais, e ela terminou seus dias confinada em uma casa de doentes mentais, vendo em todos os rostos, Jardilenes, Alfredos e Jéssicas. Nunca recebeu uma única visita em toda sua vida. A polícia investigou a suposta existência de Jéssica Moura e estranhamente, encontrou algo curioso. Existiu sim, uma Jéssica Moura, mas ela já havia falecido há pelo menos vinte e cinco anos. Morreu ainda menina, com

cerca de doze anos de idade, em um incêndio criminoso em sua casa causado por ela mesma ao tentar se vingar dos pais que abusavam dela e da sua irmã, também morta no mesmo incêndio. A casa delas ficava no mesmo local onde o casebre de Viviane e Jardilene havia sido construído.

4

O novato

Sei que relutei por bastante tempo antes de aceitar aquele encontro com o tal moço do facão. Sim, foi assim que eu passei a chamá-lo desde o dia em que ele me contou, com face imperturbável, que havia passado a faca no braço simplesmente porque sentiu vontade de ver sangue. "Faca não, facão" Consertou ele. Irredutível da ideia de que aquilo era absolutamente normal.

Eu já desconfiava de tal característica sua e, na verdade, nada ali me parecia novo. Desde a primeira visão que tive dele quando chegou. O tal aluno novato que entrou no meio do período, no meu curso de literatura comparada, vindo sabe lá de onde. As unhas pintadas de preto, os óculos de grau forte, a cara de quem desdenha o mundo, um visível desprezo pelas pessoas. Eu já pude sentir a essência trevosa dos que se destacam sem se destacar. Eu me sentava no fundo da sala e ele sentou-se perto de mim sem ao menos olhar para os lados. Nós tínhamos cerca de 19 anos na época e éramos jovens e tolos o bastante para ainda acreditar que o mundo era nosso. Não demorou para que aquele rapaz esquisito se aproximasse de mim, talvez por eu ser esquisita também.

A primeira conversa, por rede social, claro, já que pessoalmente ele ainda era inalcançável. Foi legal, nunca tinha visto na minha vida alguém responder tão rápido e com textos tão bem articulados. Aquilo era novo e me agradava, tão diferente das meias respostas, vagas ou vazias e muitas vezes o silêncio que eu recebia quase sempre de pessoas que provavelmente eram as que eu mais gostava e queria conversar. Mas ele não. Ele era direto e falava exatamente o que pensava e o que queria, ventura sua essa por, assim, tirar-me o sono uma ou muitas vezes, pois que ele trocava o dia pela noite, mas eu não. Eu era diurna, como seres humanos normais são, e geralmente estava exausta e com sono mesmo que cedo da noite, ainda assim ele quase sempre me convencia a ficar mais um pouco, ou eu mesma acabava por me

convencer de que valia a pena ficar mais um pouco, e mais um pouco.

Lembro que certa vez eu estava no meu "covil" ou na "taverna" um lugar afastado onde costumava ir para beber e pensar, mesmo que acompanhada de colegas, eles eram mais a desculpa para estar ali e estar "só" apesar de acompanhada. E num desses dias cai na loucura de levar meu notebook. Ele, ao me ver online, puxou conversa como sempre fazia e perguntou onde eu estava, queria ir me ver, queria mesmo me ver a qualquer custo. Era o que ele dizia, se era verdade ou se estava apenas zombando de mim eu nunca saberei, mas ele insistia que devíamos nos ver naquele dia. Eu não podia, de fato eu não podia mesmo ir ao encontro dele. Eu tinha alguns trabalhos do curso para entregar no dia seguinte e precisava ainda terminar algumas coisas que faltavam. Difícil foi fazer ele aceitar o meu não, embora fosse apenas um não tão fácil e simples ele o recusou veementemente como se aquilo lhe fosse uma afronta.

Em um outro momento, estava eu sentada descansando em um local próximo à faculdade e ele me viu, veio falar comigo, eu estava sentada em um banquinho e o convidei a sentar a meu lado, mas ele permaneceu de pé, contra o sol o que dava-lhe uma aparência sinistra pois a luz não apenas o circundava, como parecia atravessá-lo de um lado a outro fazendo-o parecer transparente. Seus lábios estavam um pouco arroxeados e ele tinha olheiras, resultado das suas muitas noites em claro, e hábitos vampirescos que adotou assim que entrou na adolescência, e teve, por fim, consciência do que era.

Ele me olhava nos olhos enquanto falava e eu odiava isso. Dizem que dá para ver a alma das pessoas ao olhá-las profundamente nos olhos assim por tanto tempo. Eu temia isso, ser vista, ser conhecida, nunca me importei, ou já não me

importava com o que diziam ou pensavam sobre mim, o que de fato me incomodava era que alguém pudesse descobrir quem eu realmente era, longe das fábulas maquiavélicas que se formavam a meu respeito, longe de vagas especulações de minha vida, mas a verdade, a mais pura verdade guardada por uma porta trancada à chave, numa velha casa que ninguém sabe onde fica. E assim ficamos, ele me olhando e falando amenidades e coisas das quais eu nem mesmo me recordo, porque não ouvia uma palavra que saía de sua boca. Estava encantada com o modo como a luz sutilmente atravessava aquele belo fantasma à minha frente.

Um fantasma? Um vampiro? Um demônio? Coisa nenhuma, era só um rapaz de óculos, alguns cortes e hematomas pelo corpo e pensamentos loucos na cabeça. Era só um rapaz a quem eu conhecia pouco, mas do qual eu sabia muito por pura empatia de personalidades ou talvez de almas.

E então, outro convite, “vamos ver o brilho da lua refletindo nos brancos túmulos do cemitério, my lady? Eu ri daquilo, mas a verdade é que eu gostava sim de cemitérios, embora eu preferisse ir durante o dia, à tardinha, geralmente. Eu já havia recusado este mesmo convite em vezes anteriores mas, desta vez, resolvi arriscar, afinal o que eu teria a perder? Nada! Combinamos o horário e o dia, nos despedimos e ele saiu com um ar de satisfação, como se tivesse ali conquistado parte de uma série de missões. Essa era mais uma delas e eu pude ver, de relance, o brilho do seu meio sorriso quando ele dobrava a esquina.

Estava tudo combinado, era quase meia noite quando fomos nos reunir no cemitério. Ele levou vinho e cigarros. Embora fosse noite e já estivesse tarde, o local estava iluminado, uma luminosidade sutil e peculiar, porém o suficiente para que pudéssemos conversar e beber tranquilamente, uma visão clara e pálida à luz da lua que reinava num céu negro como o ébano. Ele

me contava histórias de sua vida, falava sobre o que pensava acerca de si e do caos que reinava ao nosso redor e no mundo, seja ele externo ou interno.

Estávamos ouvindo música no celular, tocava uma música: “scream”, de uma banda que eu gostava muito na época e na verdade ainda gosto. O refrão, traduzido do inglês, dizia, “grite, mal posso esperar até te ouvir gritar, grite!” Então ele me disse com um olhar ameaçador:

– Você quer gritar, my lady?

Eu apenas sorri, meio sem graça e um pouco inebriada com o vinho e a nicotina. Ele repetiu se aproximando ainda mais de mim, sempre olhando profundamente em meus olhos:

– Grite!

Nesse momento notei que ele estava com uma faca na mão esquerda e o copo de vinho na mão direita e ele me encarava, sério. Foi quando eu respondi:

– Eu poderia, não é? Gritar, acordar a vizinhança, fazê-los correr aqui e te prenderem, mas se de fato o que desejas é a minha morte, de nada adiantaria, eu já estaria morta ou agonizando quando chegassem. Sei que haveria tempo o suficiente para você dar cabo de mim e ainda fugir pela escuridão. Logo, se quer mesmo me matar, vá em frente! Eu não vou gritar! Apenas faça!

Eu disse essas palavras com uma calma absurda e ilógica, afinal, eu estava prestes a morrer e eu não sentia medo. Eu estava prestes a ser vítima de um homicida e não sentia nem demonstrava medo. Nem dele, nem da morte que me espreitava num local, digamos, no mínimo, apropriado. Eu estava

insanamente calma e o olhava nos olhos de volta. Era como se a embriaguez do vinho fosse também a embriaguez de minha razão e então eu estivesse louca e disposta a partir sem nem ao menos me opor ao que o destino me impusera.

Ele se aproximou mais de mim, e mais. Eu podia sentir sua respiração ofegante, estava diante de mim, fazia frio. Ele aproximou sua face da minha ao ponto de eu poder sentir quase o toque de seu rosto no meu. Jogou o copo de vinho no chão, estilhaços voaram como em câmera lenta. Na minha mente o tempo estava passando diferente agora...

Com as mãos sobre meus ombros e a faca em riste, ele beijou-me a testa, abaixou as mãos e nada fez. Abraçou-me. Eu permanecia imóvel, seria esse abraço a tortura final antes de sentir a fria lâmina na minha carne quente? Parecia que sim, num ritual sádico ele me enlaçou pela cintura e repousou sua cabeça em meu ombro. Eu não me movia. Apenas esperava o porvir de tamanha perversão psicótica, paralisada, ouvindo a sua respiração e nossos corações acelerados batendo em compasso.

Ele soltou a faca no chão, ela rolou por sobre uma laje, zunindo seu soar metálico e mortal. Não iria me matar. Largou-me ali e afastou-se, enquanto dizia, sem olhar para trás – Eu não posso te matar. Eu sabia que não poderia, mas fiz questão de tentar e ter certeza. Agora eu tenho certeza e por isso eu nunca mais quero te ver.

Eu entendia inconscientemente o que ele me dizia como se fosse quase o mesmo que eu sentira quando ele me olhava nos olhos. Ele era perigoso para mim, uma catástrofe, e eu, eu era veneno para ele, terminaria por matá-lo um dia, se metaforicamente ou de fato, nós não sabíamos, mas seria melhor assim.

Ele nunca mais apareceu. A família, dias depois, acionou a polícia pelo seu desaparecimento, fizeram-se buscas, fizeram-se campanhas para ajudar a encontrar o filho desaparecido, mas todos os esforços foram em vão, não se sabe para onde ele foi, se estaria vivo ou morto, não se sabe que rumo tomou sua vida. Ninguém nunca soube que eu fui a última pessoa que esteve com ele. Ninguém nunca soube que, por alguma razão, ele havia decidido partir depois de estar comigo naquela noite, naquele cemitério. Quanto a mim, segui minha vida e voltei a olhar para o vazio, e ter espasmos de melancolia. Voltei a frequentar o “covil” e a consumir vinho e cigarros com menos moderação, mas a fumaça, amaciada pela bebida, naquela noite, formava agora no ar contornos imperturbavelmente macabros, como que eu visse seu rosto esvaindo-se pelo céu, até perder-se na imensidão do vazio.

5

Mármore branco

Alice caminhava sem rumo pela cidade que anoitecia depressa. Havia algo estranho no ar, algo que a impulsionava em uma direção que ela não sabia ao certo qual era. Andava devagar, olhando as casas ao redor. Não havia ninguém ali, absolutamente ninguém e aquilo se tornava cada vez mais esquisito. Era cedo, mas a noite caía como se houvesse pressa por parte do tempo. O céu parecia absolutamente comum, mas as sombras caíam cada vez mais densas sobre as casas, árvores e praças e as luzes de nenhum poste acendiam. O tempo, entre o rápido e o lento, corria, escapava-lhe pelos dedos! O tempo... aquele deus sem piedade que nunca voltava atrás em suas decisões. Impiedoso como todo “bom” deus deve ser. Olhou o relógio. Não havia passado um único minuto desde que se viu naquela rua rústica de calçamento talhado com o primor de um neandertal e isso não fazia o menor sentido. Era como se seu relógio estivesse parado, mas não estava.

Caminhou até um beco que dava para uma pedra imensa localizada exatamente no centro da minúscula cidade em que nascera. As sombras passaram por seu corpo como se houvesse um imenso objeto no céu, logo acima de sua cabeça, mas não havia nada no céu, nem em lugar algum. Só um céu limpo, com poucas nuvens vermelhas num pôr-do-sol infinito. As sombras a atravessaram e passaram por uma viela logo em frente. Caminhou até o lugar, lentamente, pé ante pé, com cautela e coração acelerado. Parou de frente a entrada da viela que dava em um beco estreito. E então, viu um vulto ao longe, em meio às sombras que se dissiparam lentamente. Era aparentemente um homem bem alto e esguio. Se aproximou mais da figura levemente disforme que emergia das trevas, suntuoso como um anjo ou um demônio. Quando a estranha figura se virou em sua direção. Por um breve instante seu coração parou. Depois, retomou um bater brando e depois frenético. Não era uma miragem ou fantasma. Não era um anjo ou demônio algum. Era ele, ele. E isso era bem pior que o próprio demônio, pensou Alice.

A criatura à sua frente virou-se e a olhou com um leve sorriso que não mostrava os dentes. Alice parecia hipnotizada como sempre ficava em sua presença. E aquele ser, aquela sombra do seu passado estava ali, parado diante de si, e sorria. Assombrando-lhe mais uma vez. E sorria para ela. Como antes, o mesmo sorriso de anos antes. Antes de sumir no horizonte como o que havia se tornado, uma sombra, uma criatura, uma lenda, nada mais. Alice deu dois passos em sua direção e ele continuou a andar no mesmo sentido de antes, Alice o acompanhou. Aquele sorriso a chamava como se fosse uma forte compulsão da qual não se esforçava para livrar-se.

Conforme caminhavam, a paisagem mudava sinistramente e a noite caiu de vez. Alice se viu em um penhasco composto por diferentes formações rochosas, algumas naturais, outras aparentemente com ação humana, talhadas em mármore muito branco que lembravam o túmulo de seu avô. Seu pânico de altura começou a assombrar-lhe ao se dar conta da altitude em que estava naquele momento. Mármore branco, cruzeiros, cemitério, penhasco, tudo parecia girar ao seu redor numa dimensão agora irreal e assustadora.

A figura grande e esguia começou a descida com cuidado e agilidade pela rocha bruta. Não havia um destino naquela descida íngreme e nada segura. Mas também já não havia controle por parte de Alice, que, de repente, se viu tentando descer para acompanhá-lo. Ela descia com aparente tranquilidade, tamanha era a compulsão a que estava entregue. Mas quando olhou para baixo e não o viu mais, não conseguiu sair do lugar. Entrou em pânico. O ar rareava na sua garganta como se sufocasse. Entrou em choque. Chamou seu nome em vão. Ele não respondeu. Ele nunca respondia!

Nem mesmo sua voz, forçadamente alta, ecoava no espaço totalmente vazio. Não havia mais céu, nem nada abaixo de si. Por um instante, achou que morrera e aquilo era um lapso do seu próprio inferno pessoal. Um looping eterno. Mas, de repente, ele estava ali outra vez. De pé, em uma rocha logo acima dela e a olhava, observando o espetáculo que se desenrolava diante de si. Alice estendeu a mão para que ele a ajudasse a voltar ao topo. Ele a pegou firmemente e ela tirou os pés do chão, a rocha sobre a qual estava desapareceu de seu campo de visão ou alcance. Ficou pendurada apenas pela mão grande e calejada da sombra esguia que a seguravam com força inumana. Os mesmos olhos frios, cor de perigo, agora a encarava com ar de cientista que observava uma cobaia em meio a um sombrio experimento noturno.

Alice esperou com a certeza de que ele a puxaria para cima. Ele a salvaria. Tinha de salvar! Esperou, esperou e esperou o que pareceu ser uma eternidade, mas ele permanecia imóvel e não fazia nenhuma menção a puxá-la para cima ou de largá-la no que seria um mergulho mortal nas trevas. Ele também não parecia fazer nenhum esforço na ação de segurá-la. Era como se ela fosse feita de papel e ele pudesse rasgá-la e jogá-la para o alto sem nenhuma dificuldade normal a um homem normal. Ele não era. Nunca fora normal e Alice sabia disso. Sabia disso muito bem.

Ele a segurava e parecia que isso se prolongaria indefinidamente, para sempre. Novamente imaginou estar morta. Então, Alice, angustiada pela situação, tomou-se de medo e coragem, desvencilhou-se de sua mão e soltou-se em queda livre pelo penhasco da morte. Não caiu muito tempo, mas esse pouco tempo lhe pareceu a própria eternidade, logo sentiu novamente a rocha sob seus pés como se ela nunca tivesse saído dali. Olhou ao lado e viu a mesma rocha branca, de mármore polido, brilhante e fria. Logo acima, novamente a figura a encarava, pálido. Os olhos, tão vivos, estavam tristes e mais frios que de costume. Então ele

saltou em direção ao vazio como se fosse o imortal que sempre disse que era...

Alice abriu os olhos devagar. A melodia triste que soava ao longe, mas bem de perto, era seu despertador tocando melancolicamente da sua mesa de cabeceira em mais uma manhã normal de sua vida normal. Da qual ansiava secretamente pelo próximo penhasco de onde pudesse como a eterna sombra dos seus dias e noites, simplesmente saltar...

Eram oito horas da manhã e fazia um lindo dia lá fora.

*“...Domingo é sombrio
Minhas horas são insones
Queridas são as sombras
Sombrio é domingo
Com sombras eu passo ele todo
Meu coração e eu
Decidimos acabar com tudo...”*

“Gloomy Sunday” Uma canção de Rezs Se



Domingo sombrio

“Sombrio é o domingo de sombras, não tenho mais nada!” Assim dizia a canção que tocava na velha vitrola de meu avô, naquela manhã de domingo de 1978 em que resolvi, finalmente pôr em prática um plano por mim anteriormente elaborado, pensado e repensado por dias e meses a fio: o de matar-me.

Eu estava impaciente, a noite da véspera havia sido tortuosa e eu não dormira ao menos um minuto. Revirava-me de um lado para outro da cama e pus-me de pé a andar vagarosamente pelo meio da casa feito alma penada por diversas vezes, sempre que, abatido pela insônia solene, me via a marejar os olhos, os olhos tristes, vermelhos e cálidos que eu passara a ter com o tempo. “Domingo é sombrio, insone são as horas, queridas são as sombras...”

Meu pensamento era um só: acabar-me! e a melancolia daquela música nos meus ouvidos me dizia exatamente aquilo o que eu queria gritar para o mundo. O mundo surdo que nunca ouvira meus gritos, meus gritos silenciosos de dor. Como angustiado prisioneiro que, de repente, não mais que de repente vi a cada dia tornar-me. ...

E a música me dizia: “Em breve haverá velas e dirão orações tristes, eu sei...” E de fato seria assim, os amigos afastados pela minha auto reclusão viriam, e olhariam consternados o meu caixão. Diriam coisas, como: Ele era ainda tão jovem. Porque foi cometer tal loucura, Cristo? Por quê?

Mas por quê? Sem alegria, sem esperanças, sem sonhos. Apenas a escuridão me cercava e litros de bebidas destiladas da melhor e pior estirpe que se esvaziavam diariamente e me induziam ao coma. O doce torpor de não saber mais das coisas, a alegria de embriagar-se. Quem bem soubesse, não criticaria os alcóoltras, eles não têm culpa de sua compulsão. São almas

acorrentadas na dependência de algo que as alivie da dor. Dê água a quem tem sede e a sede cessará, dê tequila a um homem derrotado e perdido e ele se aliviará. É apenas uma questão de necessidades diferentes que as pessoas em sua lucidez e encantamento com a vida não compreendem bem, mas perdoem-nos por isso.

Dessa forma que como se nota tornei-me um bêbado e um inútil, eu já não tinha porquê manter a compostura, porquê prender-me ao bom senso, porquê render-me a fé e diversões tolas. Não há nada! É o mundo, ouça bem, caro leitor, é o mundo uma fábrica de mentiras e vergonhas e nenhuma alegria vale o preço da dor. Essa mesma dor que apoderou-se de mim durante esses anos em que acumulei tormentos e perdas. Uma das mais terríveis depois de minha família, a morte dela. Ela, que nem ousou falar nestas linhas pois que não há mais palavras a serem ditas. Eu só tenho o vazio e a dor.

Depois de tantas perdas e tantos desgostos, de buscar afeto onde só havia desprezo, depois de amizades que se revelaram traiçoeiras e hostis, o que eu poderia esperar mais desse mundo de que hoje me despeço? Nada! A carta de um suicida, diria certamente as razões pelas quais ele não suporta mais a sua dolorosa vida. Mas eu direi mais, direi a ti que minha decisão não foi fruto de desespero ou doença ou um simplório medo que assola a todos deliberadamente pela metade de uma vida farta. Não. Meus motivos certamente diferem de tal método comum e vem a ser, no mínimo, incomum. Tomei essa decisão há alguns anos e venho adiando tal plano para aperfeiçoar-lhe as ideias na mente e para que assim, conseguisse eu, quem sabe, ao menos uma morte mais digna e menos dolorosa.

Se eu estava sofrendo? Sim, sofria. Se estava sem esperança de um futuro acolhedor? Sim, Certamente. Mas o meu

desespero era apenas um elemento transcendente. Minha decisão estava relacionada a algo mais profundo que me prendera pela mão e a alma toda nos primórdios de minha juventude. Um pacto! Sim, um pacto de mim para mim mesmo de que minha existência não se prolongaria quando eu olhasse o mundo e o visse assim tão sem sentido. Eu fugia de mim mesmo, eu me via como a um miserável e fui responsável para que essa imagem passasse a ser creditada por muitos que outrora me tinham como um herói, um homem de valor e honrado. Mas eu agora estava me acabando, tudo o que tinha em minha alma era o desgosto e todo o desgosto fora ocasionado por escolhas, terríveis escolhas uma mais insensata que a outra.

No entanto, o que vejo? Um mundo moribundo assim como eu, um mundo sem grandes esperanças eu diria. E na velha vitrola a música ainda me dizia: “Meu coração e eu decidimos acabar com tudo.” E ele dói tanto, está aqui dentro tão cansado e tão calejado dessa vida que sinto que ele iria mesmo acabar com tudo sozinho. Sem eu ao menos precisar recorrer a outros meios. Uma ajuda, uma pequena ajuda lhe será dada agora para que possa finalmente descansar em paz.

O cálice com o vinho derramou-se vagarosamente nos meus lábios entreabertos e eu bebi aquele líquido como quem bebe o próprio sangue, estático e enojado, aterrorizado, porém ciente e satisfeito. O mundo ao meu redor foi escurecendo aos poucos como todas as noites quando entro no meu costumeiro coma alcoólico, mas este, este não terá um fim a chegada da alvorada. E, sonolento, eu durmo. Fecho os olhos para mergulhar na escura e fria eternidade. Finalmente.

Mas que infâmia, acordo na miserável cama de um hospital. Deu-se que, pelo que soube, algum infeliz a quem eu chamava de amigo, resolveu visitar-me e, cansado e preocupado

de sempre dar com a cara nas portas travancadas, decidiu bater, e bater e bater e não tendo novamente nenhum resultado em suas investidas eis que, desgraçadamente, este se sentiu no direito de arrombar a porta de minha casa. Achou-me no meu quarto, em minha cama, desacordado, eu tinha a tez gelada, mas ainda se sentia certa pulsação em minhas veias, embora muito fraca. Levou-me ao hospital, e cá estou agora a escrever essas fracassadas investidas de livramento.

Fizeram uma limpeza no estômago e estou miseravelmente vivo, e forte como um touro, foi o que ainda ouvi um enfermeiro dizer a meu amigo que recebeu de agradecimento de minha parte antipatia e minha gentil mudez.

Me reestabeleci rapidamente e, hoje mesmo terei alta dessa espelunca em que me arrastaram, tirando-me da opulência que me aguardava na terra. Estou tão feliz! Meu amigo e salvador estará em breve aqui para apanhar-me. Tomei um banho, vesti-me elegantemente com as roupas que ele me deixou mais cedo. Estamos no 8º andar desse edifício médico que se subdivide em várias instâncias e atende a diversas moléstias. É novamente um domingo, e faz-se hoje o primeiro dia de outono, as plantas estão perdendo suas folhas e o clima faz-se mais ameno e sem vida.

Eu me aproximo mais da janela, que aberta, permite que a brisa atinja meu rosto trazendo o cheiro daquela terra que em breve estará coberta de neve e terá um solo gelado, macio e acolhedor. Eu me aproximo mais da janela, só mais um pouco, meu amigo está quase chegando e vem me buscar, preciso aproveitar mais um pouco, apenas mais um pouco, essa brisa suave que acaricia meu rosto como minha amada um dia o fez. Eu me aventuro mais, subo até o parapeito desastrosamente sem nenhuma proteção. Eu podia ver toda a rua dali. Era tão inebriante e calma aquela brisa leve...

Então, eu perco o equilíbrio por um instante, apenas um instante e tudo ao meu redor parece estar girando em câmera lenta, o gelo na espinha, um grito aterrador, e o baque, seco, fatal!

“Sonhando, eu estava apenas sonhando? ...”

E a música continuava a tocar: “Sonhando, eu estava apenas sonhando? Eu acordo e encontro você dormindo no fundo do meu coração, aqui querida, espero que o meu sonho nunca assombre você... A morte não é um sonho, pois na morte eu acaricio você, com o último suspiro da minha alma eu acaricio você...”

Domingo sombrio...

O olho azul da Sibéria

“UFO gigante aparece na área do Lago Baikal na Rússia. Um vídeo que ganhou a internet em janeiro de 2017 mostra imagens de uma suposta nave extraterrestre na Rússia. A gravação surpreendente apresenta uma estrutura misteriosa e gigante voando sobre as montanhas que ficam perto do lago Baikal. É possível ver as luzes do UFO no céu.

Segundo informações extraoficiais, as imagens foram captadas em outubro de 2016, apresentando extraordinários flashes verdes de luz na região da Sibéria, na Rússia. Especialistas e residentes ainda questionam se o vídeo mostra um meteoro, um míssil ou um verdadeiro Ovni.

Inicialmente, as pessoas pensaram que o flash verde fosse um míssil lançado pelo exército de Vladimir Putin em Orenburg. No entanto, foi divulgado que o míssil balístico intercontinental ICBM RS-18 teria atravessado esta parte da Sibéria várias horas antes das imagens serem gravadas.

Nas redes sociais, as pessoas se manifestaram dizendo que o fenômeno realmente se tratava de um UFO, mesmo diante das

negações dos peritos, que discordaram fortemente sobre a natureza do objeto voador não identificado.

Uma testemunha também teria informado que um cometa caiu na região e que apresentava uma luz verde e brilhante. Esse flash de luz teria ocorrido por volta das 19h30. Mesmo assim, ainda restam dúvidas sobre a veracidade desta informação...

Fonte: <https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/ufo-gigante-aparece-na->

7

O olho azul da Sibéria

O famoso Lago Baikal está localizado na Sibéria, a região mais fria da Rússia. Este lago é famoso por ser o mais extenso e o mais profundo do mundo, suas águas são famosas por possuírem uma coloração azul misteriosa, que cativa e impressiona. Causando, também, ao seu redor, uma grande quantidade de mitos, lendas e superstições sobre sua inexplicada origem. Os russos são conhecidos precisamente por ser uma cultura cheia de superstições e sua criatividade em contar histórias sempre me cativou muito a curiosidade, desde a infância, apesar do meu ferrenho e crescente ceticismo.

Tendo conquistado ao longo de minha vida boa situação financeira e certa liberdade para não precisar dar muitas satisfações a ninguém, resolvi organizar, eu mesmo, uma viagem até a Rússia com um grupo de estudiosos, geólogos e limnologistas tentar descobrir algo sobre aquele misterioso lago. Minha curiosidade, no entanto, não era o único dos meus dilemas e propósito, na verdade, eu também queria fama. Meu nome em revistas e talvez, principalmente, acabar com todas aquelas tolices e superstições acerca de um estúpido buraco cheio de água no chão. Todas aquelas ridículas fábulas e alucinações que tanto abomino e desprezo.

Semana 01:

Primeira visão do lago foi fabulosa, confesso que não há ateu quando se trata de vislumbrar tamanha beleza, há apenas a verdade que se percebe em como a natureza pode se dar ao luxo de ser criativa em seu descaso com o acaso. Pois bem, o lago é divino, com o perdão do trocadilho vindo de um descrente, caro leitor cristão, mas creio que o adjetivo lhe caiu bem. Uma extensão imensa de uma água inexplicavelmente azul, sim, inexplicavelmente mesmo, pois, ele é um dos mais profundos em todo o mundo e o único, eu repito, leitor, o único que permanece

com esta coloração azulada e brilhante. Todos os outros são negros, medonhos, sombrios, somente este permanece azul, brilhante e agradável, por quê?

Outras expedições anteriores, em vão, fizeram mergulhos e utilizando equipamentos sofisticados em tentativas vãs de descobrir os mistérios que aqui se escondiam, mas nada conseguiram descobrir. Talvez, por isso mesmo tantas lendas se formaram a seu respeito e tantas crenças absurdas de monstros e até mesmo avistamentos de OVNIs se construíram por simples e total falta de uma boa e confiável explicação científica.

Semana 3:

Eu começo a me inquietar, os dias passam muito devagar. Montamos acampamento perto do lago de modo que dia após dia e noite após noite esse monstro azul tem sido tudo o que contemplo em minha frente. O clima é terrivelmente frio, meus ossos congelam e nem mesmo o conhaque extremamente forte que trouxe tem servido para me aquecer. E tem acontecendo coisas estranhas por aqui, os homens estão começando a ficar assustados e isso me irrita profundamente. Tolos, suas cabeças estão sendo congeladas pelo frio? Para ficarem acreditando em bobagens?

Semana 05:

Estevan, um dos mergulhadores, e também meu amigo, no quinto dia da quinta semana, teve problemas enquanto tentava voltar ao barco, disse que sentiu como se algo lhe sugasse de volta ao lago, um puxão, mas nada lhe tocou, apenas uma espécie de força que o tragava, como um redemoinho, talvez. Isso pode acontecer, é bastante comum, inclusive em rios. Tolice! No dia seguinte, porém, estávamos no barco ao amanhecer com alguns equipamentos de medição e de repente, sentimos um baque forte

e o barco virou. Caímos todos na água.

Foi como se algo tivesse batido em nosso barco a toda velocidade, um animal como um crocodilo, ou alguma outra coisa muito grande. Ondas violentas se formaram em volta do barco, desespero, gritos, eu não sabia o que fazer. De repente, tudo se acalmou. Conseguimos desvirar o barco, não sem certa dificuldade, voltamos a bordo novamente e regressamos a terra firme sem saber o que havia acontecido.

Semana 07:

Depois desse ocorrido, pelo menos três dos meus homens arrumaram suas coisas e foram embora. Um deles, de minha confiança, ao menos eu achava que era, Estevan, disse-me:

– O que espera achar aqui? Não sei se já percebeu, mas há algo aqui e seja lá o que for, não quer ser incomodado! Isso está mais que evidente a qualquer um, você não vê? Vamos embora? Esqueça isso! Salve-se!

Mas, não, eu já estava desperto! Uma vez desperto de meu total ceticismo e agora imerso em meu próprio delírio eu tinha que descobrir o que havia ali, até, para responder à pergunta de Estevan, meu amigo, o que eu esperava achar ali, agora? A resposta! Eu queria a resposta. E eu sabia que ela me aguardava nas profundezas azuis daquelas malditas águas. Ou pelo menos era isso o que eu pensava.

Não podia existir nada que não fosse real, tátil, biológico, explicável cientificamente. Nunca antes nada havia desafiado de forma tão brutal a meus instintos céticos e agora eu estava ali, miseravelmente desperto, para uma possível presença que sabia ser falsa, mas eu precisaria provar isso. E eu iria. Eu provaria!

Eu estava com poucas provisões agora e estavam comigo apenas 3 homens. Artur, um brasileiro calado e disperso, mas sem medo, Yets, um inglês contido e supersticioso e Myrid, um alemão desbocado que tinha medo até da própria sombra. Pela descrição de meus colegas não é difícil perceber como eu me sentia sozinho, nenhum deles falava muito e quando falavam me faziam preferir o silêncio.

Semana 10:

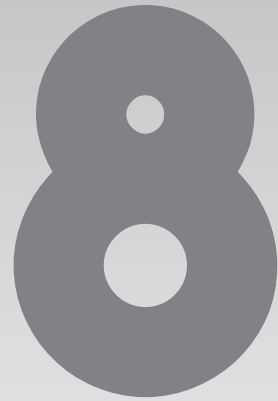
Na septuagésima noite, de minha estada naqueles confins, eu despertei de repente e sai vagando com um cobertor e uma garrafa de conhaque nas mãos. O frio era insuportável, eu sentia o sangue circulando com dificuldade nas veias, parecia grosso, parecia lutar para não congelar antes de chegar ao meu pobre coração. Eu estava distraído, mas, de repente, sou surpreendido por meus colegas de pé, parados na borda do lago, vou até eles, eles estão olhando o céu, olham o céu fixamente.

Chamo seus nomes, nada! Chamo novamente, ninguém responde! É como se estivessem em transe, então eu olho para o ponto impossível que eles mesmos observam, e vejo, um ponto embaçado no céu, uma luz fraca, muito fraca, quase imperceptível. Eu paro de pé próximo a eles, exatamente na mesma posição em que eles estavam e fixo novamente o olhar.

A luz foi aumentando seu brilho, mais e mais. Tomando forma e apropriando-se de cores, tantas cores, todas tão vivas, brilhantes, nítidas, as cores giravam. Lindo! Aquilo era simplesmente lindo! Eu estava hipnotizado com todas aquelas lindas cores girando sobre minha cabeça penetrando na minha pele em cada poro através de mim, até minha alma, se eu tivesse alguma, estaria lá agora.

A luz foi girando cada vez mais rápido e rápido! E rápido! Todas as cores foram formando um único tom de azul semelhante ao azul perfeito do lago Baikal. E então, eu pude ver uma imagem se formando neste lindo e perfeito azul, que já me cegava enquanto expandia ou explodia minha compreensão. Meu ceticismo caiu. Assim como meu corpo, caiu, sem vida, naquele momento, na margem do maravilhoso lago azul e eu, não me pergunte como! Eu saí caminhando ao lado de meus companheiros em direção ao que eu havia descoberto... Havia encontrado o que não procurei.

O meu nome não sairá em nenhuma manchete de jornal, pelo menos não da forma como eu havia imaginado que seria. Que pena! Porém, eu descobri, eu descobri, Estevan, porque o chamam de o olho azul da Sibéria, que pena meu amigo que isso, isso eu não vou poder te contar...



Os donos da terra

Carlos acordou mais tarde do que devia àquela manhã, ia viajar e precisava se apressar, sua noiva, Rosa já estava vindo para pegarem a estrada de Sobral em direção ao extremo norte do estado do Ceará. O destino era um pequeno vilarejo chamado Venâncio, localizado próximo ao litoral, no município de Bitupitá. Rosa estava radiante. Era uma moça muito simples, 24 anos, razoavelmente bonita e apaixonada pela vida. Era filha de uma família muito tradicional do interior do Ceará. Cresceu subindo em árvores e brincando nas imensas dunas de um litoral que parecia um infinito quintal.

A ansiedade dela era imensa. Afinal, fazia muito tempo que não via seus pais e avós, mas não apenas por isso, seria a primeira vez que Carlos iria com ela para, finalmente, conhecer a família de sua futura esposa. Aproveitaram o feriado de finados para poder viajar, visto que o feriado era em uma sexta-feira e dessa forma teriam todo o fim de semana para fazer visita e retornar ao trabalho na segunda-feira tranquilamente.

Tudo pronto, pegaram a estrada no velho modelo Ford Maverick GT, o queridinho de Carlos, herança de seu velho pai. O belíssimo cupê chamava atenção por onde passava graças ao borbulhar daquele potente motor V8 302 de 197 cavalos. Aquele carro, apesar de antigo e nada econômico, era para Carlos como um membro da família ou ainda uma extensão de seu próprio corpo. Não se separava dele por nada e os cuidados e o ciúme que tinha para com o veículo eram comparáveis ao que se teria com uma esposa ou um filho.

Estavam alegres e passavam boa parte do trajeto conversando sobre a família de Rosa e o que ele, Carlos, poderia esperar deles. Uma família antiga, nascida e criada no sertão, em um vilarejo igualmente antigo e repleto de crendices e costumes nem sempre comuns ou tão facilmente aceitáveis para alguém

como ele, nascido e vivido no meio de um mundo novo, um admirável ou miserável mundo novo e moderno.

– Que é isso Rosa, eles não podem ser tão ruins, eles podem?

– Claro que não, Carlos, eles não são tão ruins. Na verdade, eles são bem piores!

Rosa ria fazendo piadas, contando histórias e fábulas de seu lugar, de sua gente, mas, na verdade, apesar de brincar com tudo aquilo ela sentia, no fundo de si, embora negasse veementemente, um contido respeito, apesar de que muitas e muitas vezes tenha escolhido desafiar a própria história e, sobretudo, aquilo o que seus pais e avós esperavam de si.

Era tradição no vilarejo o costume do casamento entre primos por exemplo, costume esse que vinha se mantendo ainda intacto até meados do século XX e fora quebrado há sessenta anos pelo avô de Rosa que surpreendeu a todos quando, após uma viagem de trabalho na cidade grande, voltou trazendo não só dinheiro, mas também um grande amor: Maria Alice, hoje Dona Alice, avó de Rosa. A polêmica na época foi imensa. Ninguém na família e na vila queria aceitar o casamento de Antônio e Maria Alice, a família de Antônio esperava que ele se casasse, como de praxe, com Marta, sua prima legítima, e assim, mantivesse a tradição e as heranças de terras dentro de uma só gente, de uma só família.

Quando souberam que Maria Alice era órfã e que ninguém mais tinha na vida além de Antônio as coisas se amenizaram um pouco e a muito custo, resmungos e caras fechadas aceitaram, não de bom grado, o casamento. Foi uma época muito sofrida, sobretudo para dona Alice, dizem as más-línguas, principalmente

as mais antigas do lugar, cuja memória aguçada ainda consegue lembrar de fofocas de tais tempos remotos, que a pobrezinha quase enlouqueceu e que coisas misteriosas ocorreram durante um noivado tumultuado. De modo, que o casamento por pouco não aconteceu.

No entanto, mesmo concretizada a união de Maria Alice e Antônio, os mais antigos do lugar nunca a viram com bons olhos, diziam em sussurros que aquilo era uma blasfêmia e que seus filhos seriam indignos da terra. Entre outras bobagens, como boatos de uma maldição que por ali reinava misteriosamente há séculos. Não se sabe bem de que tipo de maldição falavam, era tudo sussurrado, pelos cantos, em segredos, talvez e tão somente como forma de meter medo aos mais jovens numa tentativa frustrada de idosos, desmerecidos pela severa e cruel passagem do tempo, de manter o controle, algo impossível de permanecer para sempre nas mãos mortais dos homens.

Mesmo assim, uma vez casados, iam sendo muito felizes embora algo inquietasse os corações jovens e apaixonados, o fato de ainda não terem filhos, depois de alguns anos de concretizada a união o tão esperado fruto de seu amor ainda não existia.

Muito religioso, Antônio fez promessas, foi a procissões e rogou a todos os santos para que lhes dessem nem que fosse somente um menino doentinho e feio, mas um herdeiro! Para que pudesse lhe dedicar os carinhos e deixar-lhe as terras, as casas de farinha, os negócios poucos da família, mas que eram seus e de mais ninguém. Pouco tempo depois, suas preces foram atendidas e Maria Alice deu a luz a um menino, no ano seguinte a outro e depois outro e assim, abençoadamente tiveram seguidamente 9 filhos e nem eram doentes, muito menos feios, mas saudáveis, bonitos e cheios de vida. Antônio era feliz, absurdamente feliz.

Infelizmente o tempo foi passando e moléstias foram surgindo vindas sabe-se Deus de onde. Era tempo de sezões e Antônio e sua esposa viram, em um inverno de 1955 as cenas mais tristes de suas vidas, viram um após outro, quatro de seus nove filhos adoecer e morrer sem que médico ou remédio algum resolvesse a moléstia. Os quatro filhos homens, restando apenas as mulheres. Eles tinham respectivamente oito, seis, cinco e três anos de idade. Foi um inverno terrivelmente frio, não apenas pelo tempo chuvoso, mas principalmente pela chuva de lágrimas que caía sobre a casa daquela pobre e condenada família.

Rosa contava essa história para Carlos com certo cuidado pois tinha medo que ele tocasse no assunto com sua avó, sabia que ela nunca mais fora a mesma deste então, ela ficou um tanto desligada do mundo desde que perdeu suas crianças. As crianças que tanto amava. De fato, às vezes, dona Alice desligava-se da realidade e perguntava por seus meninos ou gritava-lhe pelos nomes, dizendo que estavam a jogar bola de meia pelo campo perto do cemitério, o famoso cemitério sem muro de Venâncio.

– Um cemitério sem muro, é isso mesmo que eu ouvi, Rosa?

– Sim, Carlos, é isso mesmo. Mas eu estraguei a surpresa. Queria ver a sua cara quando chegasse lá e visse com seus próprios olhos. Do jeito que você tem medo de tudo...

Rosa começou a rir enquanto acariciava docemente os cabelos de Carlos, ao volante, sério, não achando a menor graça do que ela lhe dizia.

– Eu não estou vendo a graça.

– Ah, mas eu ia ver! Sua cara de medo quando chegássemos lá. Rosa! Cadê a droga do muro, mulher?

– Ria, Rosa, fique rindo viu, vai rindo da minha cara, quero ver sua cara quando as almas começarem a sair de noite e puxarem no seu pé. Já que não tem muro elas estão livres, Rosa, livres para irem onde bem quiserem, meu amor.

– Você é muito bobo, Carlos, onde já se viu. Você acredita mesmo nesse negócio de espíritos? E ainda que existissem, um muro os seguraria? Só você mesmo, Carlos.

– Não, Rosa, não é que eu acredite em espírito, mas você deve saber que há muitas coisas que não podem ser explicadas neste mundo pela nossa filosofia, acho que algum escritor disse isso. Não me pergunte quem.

– Não, Carlos. “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia.” E é de Shakespeare, um autor inglês, aquele de Romeu e Julieta, lembra da história?

– Ah, sim, é claro, mas, enfim, ele está certíssimo. Eu não sei se acredito ou não, eu só não gosto de brincar com esse tipo de coisa, Rosa e você também não deveria.

– Está bem, mas se prepare, viu. O povo de Venâncio adora essa coisa de histórias e causos populares, cuidado para não se impressionar com as histórias dos meus avós e tios, se você der corda, vai longe, dá até para escrever um livro.

– Tanto assim, Rosa?

– O povo gosta de inventar, Carlos. Falam que veem vultos ao anoitecer, outros contam histórias de pescadores que nunca voltaram de suas viagens ao mar, outros ainda relatam que ouvem risos de crianças a noite correndo, como se estivessem brincando e...

– E...?

– Nada! São apenas histórias estúpidas, Carlos, estou sinceramente cansada delas, vamos falar sobre nós. Já chega de falar sobre coisa ruim, não acha, meu amor?

– Você tem razão, Rosa, me desculpe, eu sou um tolo medroso mesmo. Me fale como pretende que façamos a nossa festa de casamento, o que tem pensado?

O diálogo prosseguiu agora em um rumo bem diverso do anterior e os dois passaram a divagar em pensamentos e planos de um amanhã feliz que em breve chegaria. A viagem, por fim, estava quase terminando. Pararam em uma praia no caminho, tiraram fotos como qualquer casal apaixonado e seguiram viagem. Ao fim de pouco mais de uma hora chegaram finalmente ao seu destino, o pequeno vilarejo.

Carlos estacionou o carro embaixo de uma velha figueira, desceu e olhou a cidadela a seu redor. Era realmente pequena, mas muito agradável e aconchegante. A paisagem trazia aquela sensação de lugar conhecido, onde ele sempre esteve ou de onde nunca mais poderia sair, era como se ele sempre soubesse que aquele pequeno lugar existisse nem que fosse em seus sonhos, ou pesadelos, mas ele era real e estava ali, em um dia claro, de céu extremamente azul, diante de seus olhos, refletindo muito mais que a imensidão de um céu, mas de uma vida inteira nos olhos castanho-escuros de sua amada Rosa.

– Carlos?

– Oi, Rosa, desculpe eu estava distraído, acho que fiquei um pouco tonto com o calor.

– Hum, Vamos logo, a casa de meus avós está ali em frente.

Carlos e Rosa caminharam um pouco até chegar em uma casa típica de vilarejos antigos, era uma casa grande assobradada e cercada de alpendres com muitos tucuns para a sesta após o almoço, hábito maravilhoso que, em sua rotina corrida na cidade grande, Rosa nem sabia mais como era poder ter aquele descanso prazeroso após a refeição. Os pais de Rosa vieram recebê-los à porta com abraços, seu avô, seu Antônio estava deitado em um dos tucuns e com certa dificuldade levantou-se para falar com a neta, seus olhos encheram-se de lágrimas ao vê-la, embora visse apenas vultos em seus noventa anos de existência cansada. Havia ainda as tias que ali estavam com filhos e netos, estavam praticamente todos esperando a chegada de Rosa. O que não sabiam é que ela traria um convidado. Olharam Carlos de relance, com certa desconfiança, cumprimentaram-no educadamente, mandaram-no sentar, mas o olhar que lhe dirigiam não era, nem de longe o de quem se mostrava satisfeito com sua presença ali.

– Bom, é... é...pai, mãe, vovô, eu já havia dito à mãe ao telefone, pedi a ela que mantivesse segredo porque achei melhor eu mesma contar e agora direi a todos pessoalmente. É, vamos lá, eu estou noiva. Esse é Carlos, meu noivo. Me perdoem por não falar antes, eu só ... eu apenas queria ter certeza que era isso mesmo o que eu queria.

Carlos estava estático, ficou totalmente sem cor. Ele nunca imaginou em sua vida que a família de Rosa nem ao menos imaginava que eles fossem noivos ou, pior, pelo que acabara de ouvir, a família dela nem mesmo sabia de sua existência. O que Rosa estava pensando? Ele fitou todos aqueles olhares de desaprovação e depois ao próprio rosto de Rosa, abaixou a cabeça sem saber o que fazer. Pensou em sair dali, pegar o carro e ir embora, teve ímpetos de chamá-la de louca e talvez fizesse alguma

bobagem sem sentido se não fosse interrompido em seus pensamentos confusos por seu Antônio.

– Rosa, você devia ter me avisado. Eu sou seu avô. Eu ainda não morri, sabia? Teríamos feito alguma coisa especial para vocês. Mas, agora é tarde. Entre, mostre ao rapaz a casa, não seja mal educada, e vá ver sua avó. Ela deve estar acordada agora.

– Oh, vovô, com tudo isso, eu acabei não perguntando pela vovó, me desculpa. Como ela está?

– A cada dia, mais distante de nós e mais próxima deles, minha querida.

Seu Antônio começou a chorar abraçando Rosa fortemente como um menino que procura conforto no colo da mãe, Rosa era a neta preferida de seu Antônio, talvez por ser aquela que mais se parecia com sua Alice na juventude. Tanto fisicamente como na personalidade e agora ela surgia ali, tantos anos depois, fazendo exatamente a mesma coisa que ele fizera tempos atrás. Era demais para ele, estava emocionado, revivendo sua vida, ao observar aquela cena, uma vida tão sofrida e tudo isso por quê? Por ter escolhido viver ao lado da mulher que amava. Carlos observava a cena sem saber o que dizer, mas percebeu as intenções benevolentes do pobre senhor, e permaneceu quieto, ele e Rosa conversariam depois.

– Você quer ver sua avó minha filha? Disse seu Antônio

– Sim vovô, mas você acha que ela ainda saberá quem eu sou?

– Isso eu não posso lhe garantir. Ninguém pode. Mas vamos, e, filha, eu sei que você já perdeu o hábito, mas, tome-lhe a benção!

– Está bem, vovô.

– Carlos, você vem conosco?

– Eu? Eu devo?

– Eu gostaria muito. Tudo bem, vovô?

– Não vejo problema, mas devo lhe alertar, rapaz, minha pobre esposa não enxerga, e nem sempre sabe exatamente o que está acontecendo a seu redor, ela tem demência.

Os três se dirigiram aos aposentos de dona Maria Alice, uma alcova muito bonita e bem decorada com móveis de madeira de lei, todos de época, belíssimos. Sentada na cama com uma moça a pentear-lhe os ralos cabelos esbranquiçados pelo tempo, estava uma senhora bonita, apesar de idosa, tinha uma face agradável, olhos esverdeados, doces mas que olhavam para o vazio, tristemente, sem luz alguma. Ela usava um vestido branco com detalhes de bordado colorido muito alegre que a fazia parecer uma mocinha muito elegante para uma época distante e impossível.

– Alice? Meu amor?

– Tonho? É você?

– Sim, meu bem. Olhem, hoje ela me conheceu, conheceu minha voz! Vamos ver se ela lembra de você Rosa. Meu amor, sua neta Rosa está aqui, ela veio com...

– Neta? Eu não tenho nenhuma neta. Do que você está falando Tonho? Nossos meninos ainda são pequenos, homem, estão agora mesmo correndo por aí brincando com aquela bola de meia que eu fiz semana passada e você aí me falando em netas.

Esse homem inventa coisas, não é não Dorinha? Aiii, menina! Penteia direito, não vai arrancar o couro da minha cabeça não! Parece que é doida! Neta! Onde já se viu! Esse Tonho...

– Eu sinto muito, Rosa.

– Tudo bem, vovô. Tudo bem.

Voltaram a sala, Seu Antônio estava visivelmente triste com o fato de sua esposa não ter reconhecido a própria neta. Esta também parecia decepcionada com aquilo, era uma situação no mínimo desconfortável, pois ela sabia o quanto seu avô amava a esposa e como aquilo lhe doía, vê-la em tal estado e não poder fazer nada, absolutamente nada.

Já levaram a vovó ao médico vô?

– Todos que você possa imaginar, exames, remédios, diagnósticos incertos.

– Diagnósticos incertos? Como assim?

– Eles nem ao menos tem certeza se é ou não demência, minha filha.

– Desculpe me meter, mas quando isso começou, seu Antônio.

Perguntou Carlos, ficando curioso sobre o assunto.

– Na verdade, isso começou há muito tempo, e só tem piorado com a idade, por isso ela já foi diagnosticada com várias possíveis moléstias incertas e improváveis, desde esquizofrenia, até o último que foi, talvez por já estar velha, coitada, o diagnóstico de demência.

– Mas, quando isso tudo realmente começou, seu Antônio?

– Foi quando ...quando...

Sua voz e mãos tremiam, os olhos marejaram.

– Quando nós perdemos nossos meninos!

Seu Antônio caiu em pranto, Rosa correu para pegar um copo de água, pois seu avô no auge de seus noventa anos não podia, obviamente, se dar ao luxo de sofrer fortes emoções e aquela era uma emoção forte demais. Então, seu Antônio quis contar a história toda a Carlos, Rosa tentou impedi-lo, preocupada com sua saúde, mas ele disse que tudo bem, precisava desabafar e talvez, fosse melhor falar um pouco. Era dia de finados e depois dali levariam velas e flores aos túmulos dos idosos e dos pequenos anjos, seria melhor que Carlos soubesse tudo. Afinal, ele não queria fazer parte daquela família? Era isso que seu Antônio acreditava e talvez fizesse sentido.

Carlos ouviu toda a narrativa funesta de seu Antônio com os olhos vermelhos, segurando as lágrimas para não parecer fraco e entendeu porque ele interveio ao quebrar o silêncio no momento daquela reunião estranha em família onde todos pareciam querer sua cabeça e entendeu o porquê de todos olharem com tamanha desaprovação o anúncio de Rosa sobre seu noivado com ele. Tradições familiares, maldições, será mesmo que essas pessoas acreditavam nisso? A cabeça de Carlos fervilhava, se perguntando principalmente se o pobre homem à sua frente depois de tudo o que sofrera acreditava que havia sido amaldiçoado por sua escolha ou que tudo fora apenas e tão somente obra do acaso que o destino lhe impusera como sina a cumprir e nada mais.

– Eu sinto muito, seu Antônio, isso tudo é muito triste. Eu imagino como o senhor e sua esposa sofreram. Esse trauma todo pode ter causado os problemas de dona Alice, sim. Mas e a cegueira? Desculpe se pergunto demais, mas foi catarata? Ou alguma outra enfermidade?

– Outra pergunta sem resposta certa, meu filho, embora saibamos o que aconteceu, não sabemos como explicar o mistério para o que aconteceu. Alguns anos após a morte dos meninos, as nossas filhas já eram grandinhas, estavam na escola e eu estava na cidade vendendo uns bichos. Era meio dia, ela me disse que sentiu a pele queimar no sol de tão quente que estava o tempo. Ela estava estendendo roupas no varal quando ouviu uma voz familiar gritando “olha mamãe, a bola, a bola!” Então, ergueu os olhos ligeiro e o viu, nosso caçulinha, o Luquinhas, chutando a bolinha de meia dele e chutou a bola tão alto e ela achou tão bonito que ficou olhando... olhando...acompanhando a trajetória da bola no ar rindo e aplaudindo o chute perfeito do seu menininho, mas não era ele, nem tinha bola nenhuma. Ela estava olhando o sol, de frente, e olhou tanto que adoeceu dos olhos e a coisa ficou séria e ela acabou perdendo a visão.

– Nossa! Pobre dona Alice. A vida tem sido muito dura pra ela aqui em Venâncio.

– A culpa é toda minha, meu filho.

– Mas, por que o senhor diz isso?

– Eu sei que ama minha neta, mas existem coisas que custam caro demais, você já parou para pensar nisso?

– Do que o senhor está falando, seu Antônio?

– Eu amo minha Alice. Eu a amo tanto que se pudesse voltar no tempo não teria lhe feito passar por tudo o que passou, meu filho. Agora vamos. É hora de honrar oficialmente aqueles que já se foram, pois eu não os esqueço um dia sequer, mas hoje é um dia especial. Vamos até eles.

– Parece que neste lugar eles sempre estão vindo até nós. Disse Carlos.

– Não zombe, meu rapaz, a terra não é dos vivos, nós pisamos sobre ela mas nós só a possuímos quando passamos a fazer parte dela, como eles, aí sim e somente assim eu digo que serei dono de alguma coisa. Eles são os donos da terra, nós somos apenas os inquilinos aqui e pagamos a pena cada centavo por estar vivo.

– Pagamos?

– Sim. Um alto preço.

– Que preço, seu Antônio?

– O preço do sofrimento. É a única moeda que temos.

Rosa, que os havia deixado a sós, regressou com os outros. Os parentes de Rosa estavam prontos para ir ao cemitério, acender velas a seus mortos. Mas ir ao cemitério em Venâncio significava algo totalmente diferente do que costuma ser em outros locais onde existe uma separação entre os vivos e os mortos. Lá não, nada os separa. Os túmulos e as casas convivem amigavelmente e o sagrado e o profano se misturam como uma coisa só. O limite de estar vivo ou de estar morto parece uma linha muito tênue e, em Venâncio, é a moradia destes, que não se separa bem, mas isso, cá para nós, caro leitor, talvez seja algo que nós apenas não

compreendamos de tão avançado. Pois que, de fato, porque separar uma coisa da outra? Se não estamos morrendo desde sempre? E vivendo para sempre numa eternidade de sonhos na escuridão da morte? Deixo-lhe aqui, a sombria ou luminosa reflexão.

Caminharam até os túmulos, aquilo era muito estranho para Carlos, nenhum muro, nenhuma cerca, absolutamente nada, olhava para o lado e lá estava a praça, olhava para o outro lado e lá estava a igreja, as casas, tudo ali, ao alcance, sem limites que os separasse ao menos em respeito ao descanso eterno dos que ali se encontravam sob a terra. Que fossem, talvez até os verdadeiros donos dela.

Os primeiros túmulos visitados foram os dos pais de seu Antônio, Dona Josefina e Seu Lorenzo, dois dos fundadores do lugar, inclusive, acenderam velas e fizeram algumas orações. Continuaram caminhando, agora na direção de outros três túmulos, também de adultos.

– Veja, seu Carlos, estes eram meus irmãos. Essa aqui no retrato era Maria do Rosário, foi dela que tiramos o nome de sua futura esposa, que nem a tia dela. Minha pobre irmã, morreu de parto, tinha 23 anos. Esse aí do lado é Joaquim e o outro é o Cesário, esse último, coitado, morreu de emboscada. Uns cabra safado, querendo roubar as terras dele, armaram pra ele, meteram bala. E aí está, foi brigar por terra, agora ele tem toda a terra de que precisa, coitado. Pior que, ele só tava defendendo o que era seu por direito. Mas, nessa vida, meu filho, eu às vezes, nessa idade que eu tô, já velho e caduco, me pergunto, o que é nosso mesmo de direito? Se não a vida e só, nada mais, meu filho, nada mais.

Carlos apenas ouvia seu Antônio falar, ele e Rosa caminhavam a seu lado, Rosa segurando-lhe o braço, ajudava-o a

deslocar-se entre os túmulos e a identificá-los, os outros parentes seguiam logo atrás e se demoravam em rezar ave-marias nos túmulos dos pais de seu Antônio. Alguns metros à frente quatro pequenos jazigos se desenhavam todos pintados de azul com pequenas e bonitas cruces com flores e retratos ovais esmaecidos pelo tempo e pelo sol castigador do sertão. Carlos, nem precisou perguntar, ele já imaginou se tratar dos túmulos dos meninos, os filhos de seu Antônio e dona Alice. As pobres crianças que nunca puderam crescer. Seu Antônio fez sinal para que Rosa o ajudasse a se ajoelhar perto dos túmulos e ela e Carlos o ajudaram, prontamente.

– E, aqui, Rosa, seu Carlos, estão os meus meninos. Seus rostos estão apagando-se nos retratos, mas na minha memória eles vivem, suas risadas, eram tão alegres, corriam, brincavam, jogavam bola. Como gostavam de brincar, fizesse chuva ou sol estavam grudados com a bola, iam ser jogadores eu tenho certeza. Seu Antônio começou a chorar, Rosa e Carlos acharam melhor levá-lo dali para casa. Para que descansasse e assim o fizeram. Chegando em casa, Rosa foi ver sua avó. Abriu a porta vagorosamente, ela estava sozinha no quarto, olhos abertos fitando o vazio como sempre.

– Vovó?

– Rosa? Rosa, minha filha é você?

– Vovó, a senhora reconheceu minha voz. Vovó, estou com tanta saudade. Me dê sua benção!

– Deus lhe abençoe, minha filha! Quando minha filha chegou?

– Hoje cedinho, vó, eu vim com meu noivo.

– Noivo? Você vai casar, minha neta? Quem é ele? De onde ele é? Rosa, quem é ele, Rosa?

– Ele é de São Paulo, minha avó, mas mora em Sobral depois que seus pais morreram, nós vamos nos casar daqui a dois meses. Eu o amo muito minha vó, ele é um homem maravilhoso.

O rosto de dona Alice tomou feições aterrorizantes de pavor como se estivesse prevendo uma grande catástrofe e, tateando a escuridão com olhos onde a luz já não alcança ela buscou os braços da neta, segurou-os firmemente, começou a chorar e disse em tom desesperador.

– Não faça isso, minha neta! Se você levar essa ideia adiante você estará costurando uma teia de desgraças para si mesma. Não faça isso. Você só fará mal a ele ou a si, ou pior, a inocentes. Não faça isso. Desista enquanto a tempo. Mande-o embora agora mesmo! Rompa esse noivado agora!

– Vovó, o que é isso, me solte!

– Rosa! Não faça isso! Eles virão cobrar o preço! Eles sempre cobram o preço, Rosa... eles virão ... Rosa!

Rosa estava boquiaberta com o que acabara de acontecer, todos da casa correram até o quarto de sua avó que agora gritava seu nome em alto e bom tom e chorava, repetindo coisas sem nenhum sentido como “ Eles virão cobrar o preço”; “ Alguém terá que pagar”; “Pode ser caro demais, caro demais”. A pobre senhora estava em surto psicótico e Rosa chorava abraçada a Carlos sem saber exatamente o que fazer. Todos olhavam com desconfiança para os dois, culpando-os pelo ocorrido com dona Alice e também pelo leve mal estar de seu Antônio, que agora dormia à custa de calmante depois de ter se emocionado muito no cemitério naquela manhã.

O almoço em família foi, como se pode imaginar, um desastre e a tarde transcorreu em um silêncio miserável onde se fingia que não havia sequer visita na casa. Os pais de Rosa não davam a menor atenção à filha e muito menos ao futuro genro. Lá pelas quatro da tarde seu Antônio levantou, ele, Rosa e Carlos acompanhados de alguns primos que apareceram depois. Jogaram baralho, jogo que seu Antônio muito apreciava, até anoitecer.

A noite caiu vagarosamente e no pôr do sol, Carlos e seu Antônio sentados no alpendre conversavam sobre muitas coisas, o pai de Rosa estava sentado na sala vendo um jogo na televisão e ignorava totalmente a tudo ao seu redor. Rosa, ajudava a sua mãe na cozinha como podia e sua avó estava no quarto como sempre, recolhida em sua escuridão eterna. Rosa tentou puxar algum assunto com sua mãe, aquele silêncio era insuportável, ela ia se casar e sua mãe, ao menos devia abençoá-la e não tratar-lhe assim com desprezo e indiferença. Afinal era sua filha, sua única filha.

– Mãe, a senhora não pode me tratar assim e a meu noivo. Nós não estamos fazendo nada de errado. Nós nos amamos. Será que isso é pecado, por acaso?

– Me diga você, minha filha! Me diga você! Todos aqui esperávamos que você voltasse a morar conosco e se casasse com alguém daqui. Maurício quem sabe, vocês tiveram um namorico quando pequenos lembra?

– Mamãe, Maurício e eu? Ele é meu primo, a senhora não acha que esse negócio de familiares já foi longe demais não? Temos é sorte de não ter problemas genéticos na família. Muita sorte, porque a ciência diz que...

– Ciência, coisa nenhuma, cale-se! É tradição! É costume e de respeito a esses costumes é disso que estamos falando.

Mas você não liga muito para isso não é? Veja sua avó, olhe no que deu. Seu avô desafiou a tradição da sua terra, da sua gente e quem pagou por isso? Seus tios, meus irmãos, pobrezinhos. Um a um adoecendo e morrendo, a dor foi tanta que sua avó nunca mais foi a mesma. Os antigos, não perdoam a desobediência, eles cobram o preço. Você contou a ela, não contou? Por isso ela agiu daquela forma, tadinha. Ela tem medo. Quase não fica lúcida e quando fica recebe uma notícia dessas. Ela deve imaginar que vai acontecer tudo de novo. Eu temo por todos, minha filha. Por todos, por você, por nós. Até mesmo esse pobre homem que você trouxe desavisado corre perigo, apesar de ser ele o próprio motivo do perigo. Eu repetirei as palavras de sua avó e eu não estou caduca, nem louca, mande-o embora! Rompa esse noivado enquanto é tempo, Rosa.

O jantar ocorreu tranquilamente na medida do possível, conversaram sobre o trabalho de Carlos e Rosa na cidade e sobre a vida ali no vilarejo. Seu Antônio estava mais calado durante o jantar, parecia cansado. Assim que terminaram de jantar sentaram-se na varanda para olhar as estrelas, mas não havia nenhuma no céu que estava misteriosamente tomado por nuvens densas de inverno, mas era verão. Trovejava ao longe e parecia mesmo que ia chover.

– É parece que vai chover seu Antônio.

– Rapaz, tá parecendo, viu. Coisa estranha, chuva nesta época do ano.

– Realmente!

Algumas horas depois as nuvens tornaram-se ainda mais pesadas no céu e começou a, de fato, chover, torrencialmente, o tempo passava e a chuva não parava. Foram todos para dentro,

para a sala de estar e lá ficaram. Um forte relâmpago cortou os céus e as luzes se apagaram, Rosa e sua mãe foram acender velas e lamparinas, os outros já estavam deitados. Dona Alice estava muito nervosa, chorando com medo dos raios e seu Antônio estava com ela abraçando-lhe e tentando acalmá-la. Os outros ficaram na sala ainda mais um pouco, o tempo foi passando e depois foram todos dormir. A chuva de verão abrandou um pouco mas não passou.

Carlos não ficou no mesmo quarto que Rosa, uma família tão tradicional nunca permitiria tal coisa, deram-lhe um quarto com saída para o alpendre, para a porta da frente da casa. Ele deitou-se na rede, fazia frio, a chuva voltou a cair ainda mais forte, trovejava e raios cortavam o céu. Era tarde, ele não dormia, certamente todos a essa altura já deviam estar dormindo. O descanso que a chuva deu foi suficiente para acalmar os ânimos e fazê-los relaxar e conseguir, enfim, descansar, mas ele não. Havia algo diferente no ar, ele não sabia o que era. Lembrava dos gritos de dona Alice em sua cabeça “Eles vão cobrar o preço”; “ Alguém vai ter que pagar”. O dia havia sido, no mínimo, estranho. Maldições, crianças mortas, demência injustificada, ameaças infundadas. Olhares inquietantes e aquele cemitério estranho, tudo girava em sua mente de forma tão irreal.

Agora chovia e ele não tinha sono, resolveu sair e ver a chuva. Aproveitaria que estava no interior e ao menos não tinha perigo algum. Não seria assaltado ou coisa do tipo. Abriu a porta e ficou ali olhando a rua, a luz ainda não havia voltado e tudo o que via eram os clarões aqui e ali ocasionados pelos relâmpagos da chuva que teimava em não passar em pleno novembro. Foi até a bica, molhou a cabeça para refrescar as ideias, o cérebro lhe doía em pensamentos e um medo lhe congelava a espinha.

Olhou o celular, eram três e meia da manhã, guardou-o no bolso novamente. Escuridão total à sua frente. Um relâmpago clareou tudo. De onde estava via-se claramente o lugar onde ficavam localizados os túmulos e ele olhava diretamente para lá, quando em um dos clarões pode ver um vulto ao longe, e então, fez-se novamente escuridão. Carlos levou um susto, acendeu a lanterna do celular, mas era longe demais e não se via nada, então outro clarão, ele não viu nada, continuava com a lanterna do celular ligada, como quem busca desesperadamente ver algo que não existe.

Outro clarão, um forte trovão ecoou acima de sua cabeça e dessa vez ele pode ver claramente não apenas um, mas dois vultos próximos aos túmulos, o céu foi clareando, misteriosamente como se amanhecesse, embora fosse ainda madrugada, os relâmpagos cortavam o céu deixando tudo claro como o dia, e o barulho agora era misteriosamente suave e até mesmo agradável, como que acolhedor em uma noite boa para dormir, a chuva nesse momento, virou sereno. Carlos não acreditava no que estava diante de seus olhos mortais, por acaso estaria sonhando? Seria aquilo apenas um pesadelo?

Carlos saltou o peitoril que o separava da rua e mergulhou na meia luz da rua, que era iluminada agora apenas pelo brilho dos raios que brilhavam faiscantes no céu formando desenhos entre o grotesco e o belo, ele caminhou no sereno, os pés descalços no calçamento, as pedras lhe doíam os pés, mas ele não se importava, queria apenas ver o que era aquilo e se fosse um sonho, melhor ainda, nada de mal lhe aconteceria, iria até o fim, fosse o que fosse, já estava a caminho, um passo após o outro, sutilmente, estava agora diante dos túmulos e avistou com clareza o que viu antes, ao longe como pequenos vultos sinuosos. Não eram apenas dois, mas vários, entre muitos, idosos, adolescentes, pessoas de meia idade, homens e mulheres e crianças, todos com roupas parecidas entre

si, uma roupa que ele conhecia bem, usavam mortalhas. Ele assustou-se. Quis correr mas não conseguiu, suas pernas não se moviam, estava paralisado. Perdeu os sentidos.

– Moço? Moço? Acorda moço!

– O que? O que? O que aconteceu? Aonde eu estou? Quem são vocês?

– O senhor caiu no chão, moço. Fez booom! Um barulhão, eu e os meus irmãos protegemos o senhor dos outros. Eles disseram que o senhor era ruim e queriam lhe fazer mal, mas a gente não deixou, não é Gabriel?

– É, foi. A gente viu o senhor com nosso pai, o senhor não parece ser mau.

– Com seu pai? Eu só posso estar louco.

– Ah, não! Ele vai ficar igual a mamãe, Pedrinho!

– Calma, Luquinhas! Não, o senhor não está louco não. Eu juro e rejuro que a gente é de verdade.

Carlos levantou e olhou ao seu redor e lá estavam, quatro meninos, quatro crianças, sendo que o mais velho não aparentava ter mais que oito anos e o mais novo talvez tivesse quatro ou três. Usavam roupinhas iguais, mas não eram mortalhas como as roupas dos demais, e sim roupinhas convencionais de meninos, típicas da época, como uma fardinha escolar, ou um uniforme de time, algo do tipo, ele não soube identificar ao certo. Eles brilhavam na chuva que caía fininha e parecia não tocá-los. Então, se dirigiu ao mais velho e perguntou-lhe.

– Por que vocês estão aqui? Por que eu vi vocês e os outros? Isso é mesmo real?

– Você só não devia estar aqui. Aqui é perigoso pra você. Eles não gostaram nada de você ter se metido com a Rosa. Estão furiosos.

– É, você tá vendo essa chuva? Até eu tô com medo.- Falou o mais novo.

– Mas, não se preocupe, nós vamos tentar protegê-lo. Nossa mãe apesar de tudo só está viva até hoje porque nós não deixamos nada acontecer a ela, na verdade, nós tivemos que morrer para que...

– Para que...

– Você não pode falar disso, Pedrinho! Isso é segredo!

– O que é segredo?

– Nada. Coisas que crianças não deviam se meter não é, Luquinhas?

– Eu não sou criança! Disse o menino mais novo fazendo bico pro irmão mais velho.

O diálogo à sua frente era absurdo demais para ser real, quatro crianças fantasmas discutindo sobre um suposto segredo que elas próprias não deviam saber, mas sabiam. E pior, pareciam saber mais que isso, pareciam saber sobre o próprio destino de Carlos e Rosa e o mistério que havia naquela cidadela pacata e estranha. Carlos, àquela altura, não sabia mesmo se estava sonhando ou acordado e decidiu continuar o estranho jogo de

perguntas e respostas que havia iniciado.

– O que vocês querem de mim? Por que me defenderam?
O mais velho respondeu novamente

– Eu já disse, você não é má pessoa. Eu conheço gente má quando vejo. Dá pra sentir e você não é!
Juquinha continuou a resposta da outra pergunta.

– Nós queremos que você brinque com a gente. Há muito tempo que ninguém brinca conosco.

– Brincar? É sério? Querem brincar?
E os meninos, em coro, rindo alegremente com uma pureza indizível no olhar:

– Isso, isso mesmo!

Carlos ria de nervoso, aquilo só podia mesmo ser um sonho, e agora era, no mínimo um sonho engraçado. Crianças fantasmas cujos corpos brilhavam na chuva, mortes misteriosas, e eles querem o quê? Ora, querem brincar, que apropriado! Ele ria alto, afinal era um sonho, não incomodaria a ninguém da vizinhança.

– Então vamos brincar, mas de que?

Os meninos riam muito, e, novamente em coro uníssono:

– De bola é claro!

E saíram correndo, Carlos nem viu que a pequena bola de meia já estava rolando por entre suas pernas e ele estava sendo driblado por Pedrinho, depois por Juca. Luquinhas, como era o

menor, era o mais atrapalhado, mas Gabriel sempre o ajudava a conseguir pegar a bola. Apesar de não fazer o menor sentido, tudo aquilo estava sendo muito divertido para Carlos que adorava crianças e sempre quis ter filhos, principalmente se fosse um menininho, justamente para jogar bola com ele, era o que ele secretamente pensava. E estava ali se divertindo com aqueles meninos que nunca tiveram a chance de crescer.

Carlos nem percebeu que a chuva aumentava cada vez mais e que a escuridão também crescia, a única luz agora era a luz dos próprios corpos dos meninos a sua frente que brilhavam na escuridão. Carlos achava aquilo lindo, estavam se divertindo muito e já não se lembrava mais de nada, só havia ali eles, a bola de meia e a brincadeira. Carlos estava sonhando, era o que ele achava, de modo que queria apenas aproveitar o momento feliz que estava tendo antes de acordar e voltar à realidade.

A chuva continuava a cair, na rua reinava a mais completa escuridão, então em um determinado momento, Luquinhas chuta a bola para fora da pracinha onde jogavam, a bola sai rolando calçamento abaixo pelas águas rumo às trevas.

– Que droga, Luquinhas! Pra fora!

– Deixa que eu pego!

Carlos correu na escuridão para pegar a bola, a chuva mal lhe permitia enxergar nada mesmo com a lanterna do celular ligada, era uma curva na estrada, naquele momento uma luz muito forte o cegou!

– Cuidado!

– Não!

Carlos levantou atordoado, sentiu uma forte dor de cabeça, devia ter batido quando caiu ao tentar pegar a bola, era tudo de que lembrava. Ao seu lado, os meninos agora o olhavam com cara de assombro.

– O que foi? Eu tropecei, foi apenas isso! Não vamos continuar nosso jogo?

– Talvez, talvez, depois.

Carlos caminhou em direção ao cemitério sem ao menos saber o porquê de o fazê-lo, e lá estavam novamente as pessoas que avistou outrora, os idosos, os jovens, outras crianças, mas agora eles não o olhavam com raiva mas com uma certa ironia talvez. Havia em seus risos um quê de satisfação que ele não entendia, mas tampouco se importava. Carlos caminhou entre os mortos como se fosse um deles, no entanto nunca se sentira tão vivo em toda sua existência, olhou seu próprio corpo, notou um brilho azulado que se manifestava de forma gradativa e crescente sobre si, mas viu também as marcas de sangue em seus braços e pernas. Os meninos então, lhe contaram o que havia acontecido quando ele correu para pegar a bola. Um carro em alta velocidade o havia atropelado. Bateu em cheio. Matando-lhe na hora.

– Então, acabou. Disse, Carlos, entre aliviado e entristecido.

– Sim e não. Interveio um ancião que ouvia tudo de perto com um olhar severo. Falta alguém confessar seus crimes e pagar por eles.

Carlos olhou para o ancião, curioso.

– A quem o senhor se refere?

– Ao responsável por tudo isso. Aquele que acende uma vela para Deus e outra para o Diabo não é digno nem de um nem de outro.

Enquanto esse diálogo ocorria no reino dos mortos, num mundo invisível tão perto de todos, ali mesmo. O dia já havia amanhecido e o cadáver de Carlos jazia sobre o calçamento, inerte e ensanguentado. Rosa estava desesperada com a cena, não sabia o que fazer, o que dizer, era uma cena indizível, algo inexplicável. Como aquilo havia acontecido? Estavam todos dormindo, porque ele sairia de seu quarto a noite e iria a rua somente para ser atropelado, aquilo tudo não fazia o menor sentido.

E realmente não fazia, tanto era verdade que todos se olhavam entre si, como que concordassem com os olhos que aquilo era a concretização das palavras de dona Alice. “Eles vão cobrar o preço”, “ Pode ser caro demais”... Fossem quem fosse, vieram, cobraram e o preço foi caro, alto e Carlos pagou com a vida. Seu Antônio não se aproximou da cena, apenas observava tudo ao longe com as mãos no rosto, numa expressão de angústia e dor. Dona Alice no quarto dizia frases sem sentido, repetidamente. Seu Antônio a ouviu e correu para acalmá-la.

– Alice, meu amor. O que foi? Eu estou aqui. Se acalme. Eu estou aqui.

– Não. Eles estão aqui Tonho eu os ouvi, eles vieram, eles vieram. Eu sei. Eles vieram me buscar.

Dona Alice chorava e sorria ao mesmo tempo, Antônio, segurava-a em seus braços e as lágrimas lhe pingavam do rosto sobre seus cabelos muito brancos e lisos.

– Não, meu amor. Fique comigo. Ainda é cedo. Eu não vou

perder você. Não, depois de tudo que eu tive que fazer, eu não vou perder você!

– Você, talvez tenha feito mais do que devia, Tonho. Todo mundo tem seu tempo nessa terra. Tempo de nascer, tempo de morrer, tempo de viajar e tempo de voltar pra casa, tempo de ir e de vir, o meu tempo está acabando, é hora de voltar pra casa. Não se pode viver para sempre.

– Pra sempre, talvez não, mas mais do que seu destino escreveu com certeza.

– Do que você está falando, homem?
O velho homem se levantou muito sério, e naquele instante não parecia ser um senhor no alto de seus noventa anos, mas um homem impetuoso e forte, capaz de qualquer coisa para conseguir o que quisesse.

– Se acalme, meu amor, você não vai morrer. É só um mal-estar. Irá passar logo. Ninguém esteve aqui e ninguém irá lhe buscar tão cedo no que depender de mim.

– Tonho? Como tem tanta certeza que não vou morrer? Só Deus sabe dessas coisas, homem.

– Ou o diabo, meu bem.

– Você está louco? Do que você tá falando? Saia daqui. Saia daqui!

– Me perdoe, meu amor, eu me exaltei um pouco. Aconteceram coisas terríveis que pensei nunca mais ter que ver. Descanse. Ao menos dessa vez não doeu tanto em ti.

– Tonho, eu não entendo. E o que está acontecendo lá fora? Eu ouço muitas vozes lá fora, algo de ruim está acontecendo, eu sei. Eu sei. Eu tô velha, eu sou caduca. às vezes eu não sei do mundo, mas eu não sou doida, Antônio. O que não doeu em mim, Tonho? Me diga?

– Não é nada, Alice, Descanse.

Como Carlos não tinha mais nenhuma família em sua cidade natal, acabou sendo velado e enterrado naquele cemitério, ali mesmo, no Vilarejo, onde morreu. Rosa achou que ele gostaria que fosse assim, visto que, no fim das contas, se encantou com a sutileza e simplicidade do lugar. Seus pais e parentes não se opuseram, afinal já bastava a tragédia que ocorreu. Ter ficado viúva antes mesmo de casar. Não iriam agora impor mais uma barreira para uma pobre alma, ou no caso um corpo sem vida, até porque a única terra que ele teria agora seria sete palmos sobre si.

Triste ironia para aqueles que só pensavam nisso quando viram Rosa aparecer com um estranho e puseram-se a preocupar-se logo com heranças e terrenos. Estava acabado. Durante o funeral e enterro, todos consternados. No fundo sentiam-se aliviados, sobretudo Maurício, que olhava para o caixão e para Rosa, à sua frente, segurando-se para não ir de imediato consolar a pobre moça, oferecer-lhe o ombro amigo de um primo e um ex namoradinho. Afinal, nunca se sabe quando uma tenra paixonite de adolescentes poderia ser revivida, mas aquele ainda não seria o momento. Isso era certo.

O enterro aconteceu na manhã do domingo e Rosa resolveu que não voltaria para Sobral naquela semana, talvez nem voltasse mais. Se sentia completamente sem forças, como se a morte repentina de Carlos tivesse levado consigo toda a sua esperança, fé, alegria, toda aquela energia que outrora brilhava em

seu rosto corado de moça que tinha gosto de viver. Ela não chorava, não falava com ninguém, não comia, ficava apenas parada, olhando para o nada, contemplando o vazio e nas horas de nascer e pôr do sol era possível vê-la junto à sua cova, ajoelhada, não rezava, ela apenas olhava o monte de barro vermelho ali, aquela cruz rústica com suas iniciais: C.A.C, Carlos Álvares de Campos. Ficava ali até cansar, depois voltava pra casa e assim, dia após dia. Emagreceu, perdeu a vivacidade, a força, a graça. Era outra mulher. Estava claramente doente pois o tempo passava e ela não melhorava.

Seus pais estavam muito preocupados e queriam a todo custo levá-la ao médico, mas ela não aceitou. Queria apenas ficar ali quieta, e que a deixassem, não estavam satisfeitos? Ela estava só, completamente só agora. Não era o que todos queriam afinal? Seu avô andava cada dia mais esquisito e inquieto ao vê-la tão triste, era sua neta favorita, sua tristeza doía como se fosse em seu próprio peito. Ele sangrava com ela, mas em silêncio. Não dizia nada. Apenas observava e ajudava como podia tentando-a fazer ao menos alimentar-se uma vez ou outra.

Certa noite, seu Antônio, estava deitado em sua rede em sua alcova, o dia estava quase amanhecendo mas ainda era escuro. Ele acordou sobressaltado com a voz de sua esposa, dona Maria Alice.

– Tonho, Tonho, tem gente lá fora. Os meninos estão lá fora. Eles não conseguem entrar. Vá abrir a porta homem. Corre.

– Você está sonhando, mulher, durma. Isso é só coisa da sua cabecinha, não tem ninguém lá fora. Durma, ainda é muito cedo.

– Escute! Eles estão lhe chamando! Abra a porta, homem. Os meninos tão lá fora, eu acho que tem alguém com eles, eu ouvi a voz de um homem.

Antônio ia responder algo, mas ouviu sussurros próximos da janela de seu quarto, ficou em silêncio para ouvir melhor, então ouviu, as vozes estavam baixas mas dava para escutar.

– Papai, abra a porta. Nós viemos ver a Mamãe. Papai, papai, está na hora papai. É tarde demais. Abra a porta, papai. Nós precisamos entrar.

Antônio franziu o cenho apavorado com o que ouvia, sua Alice estava falando a verdade eles estavam mesmo atrás dela para levá-la, mas ele não podia permitir isso. Como podiam? Ele havia pago o preço. Ele não devia mais nada. Sua parte foi cumprida, sua esposa não iria morrer.

– Papai, papai, viemos buscar a mamãe, sabemos que está nos ouvindo. Nós vamos entrar! Mas queremos que abra a porta, somos seus filhos. Abra a porta, papai.

– Vão embora! Ela não vai a lugar algum, vocês já sabem muito bem disso, creio eu.

– Saia, seu Antônio. Vamos conversar, de morto para morto.

A voz de Carlos ecoou através da parede dentro da cabeça de Antônio, Alice não ouvia mais nada, apenas ouvia as respostas de seu marido para a parede sem compreender.

Antônio, escancarou as portas da frente da casa, ainda reinava a mais completa escuridão, mas à sua frente, seis seres

luminosos o aguardavam como quem espera algo há muito tempo e estivessem ali para acertar finalmente as contas. As quatro crianças, Carlos e o misterioso ancião.

– O papai, veio. -disse sorrindo docemente, Luquinhas.

– Meu filho!

Seu Antônio parecia comovido, mas havia também fúria em seus olhos. Secou as lágrimas ligeiramente e disse, agora secamente.

– O que vocês querem de mim? Não vão levá-la! Ela é tudo, ela é a razão de tudo. Eu não iria tão longe como fui para perdê-la assim. Ela só morrerá quando eu morrer, mesmo sabendo que aí eu finalmente a perderei para sempre, pois iremos para lados opostos e é por isso que no que depender de mim, de um jeito ou de outro, cega, maluca, não me importa, ela vai viver e eu também, pelo máximo de tempo possível. Vocês não entendem? Era o único jeito.

– Do que ele está falando? -Disse Carlos.

– Você ainda não entendeu, não é? Nossa, como você é lento, senhor Carlos, desde que chegou em Venâncio, você deve ter notado alguma coisa estranha ou não? É cego? Será mais cego que minha mulher? O pior cego é mesmo aquele que não quer ver, afinal. Como são tolos os apaixonados. Ninguém, nesse maldito lugar, pelo menos ninguém da minha raça, da minha gente, minha geração como se diz por aqui, pode escolher um marido ou esposa fora da consanguinidade. Sabe o que acontece? Ele ou ela morre. Morre, rápido, ligeiro, sem deixar rastros. Por isso os sussurros que você ouviu, as histórias de maldição, não são meras lendas, seu Carlos, são reais! E olhe para o senhor agora, mortinho da

silva! Cometeu a idiotice de dormir com minha neta antes de casar, podia ter durado uns dias a mais, mas nem isso, não é?

– Sua esposa está viva até hoje. O que o senhor fez? É disso que estão falando não é?

– Mas é claro que sim. Eu a salvei. Eu fui homem o bastante para manter minha mulher viva, mas eu paguei um preço muito alto, um preço alto demais. Não só eu.

– Nós também tivemos que pagar, não foi papai?
Antônio abaixou a cabeça desapontado, não sabia o que responder.

– Sim, eu sinto muito meus pequenos, eu sinto muito. Eu tive que fazer isso. O preço a ser pago era esse.

– O preço do sofrimento, o preço da dor!
Disse Carlos, lembrando das palavras de seu Antônio quando visitavam os túmulos dos meninos no dia de finados.

– Sim. O sangue dos inocentes salvará aquela a quem tua vida terá como base, mas não é só isso. Ela própria teria que sofrer e eu, bom, vocês acham mesmo que depois de aceitar sacrificar a vida de meus próprios filhos, Deus me aceitará no paraíso quando eu partir?

Nesse momento o ancião se manifestou e sua voz ecoava como trovão.

– Você rezava a Deus na frente dos olhos de sua gente! Fazia promessas que sua ingênua mulher tinha que pagar, crente de suas pobres convicções cristãs e, pelas suas costas, fez um pacto com forças diabólicas. Acendeu uma vela no altar no demônio,

depositou sua alma lá para ele usá-la como bem quisesse. Você não sabe o que fez!

– Eu fiz por amor.

– Amor, não justifica tudo! Se a amava tanto, devia tê-la deixado livre. Veja como ela sofreu ao seu lado. A vida que ofereceu a essa pobre mulher, de fato valeu a pena para ela ou apenas saciou suas fúteis e tolas vontades? É tarde demais para voltar, mas agora, ao menos deixe-a ir, é chegada a hora dela finalmente descansar. Ela já foi sua prisioneira tempo demais. Sua vida não devia ter se prolongado em tanto sofrimento, mas hoje ela verá a luz. Hoje ela será libertada das sombras e sairá da escuridão, e a escuridão é você.

Carlos encarou seu Antônio e disse com tom entre o desprezo e a comoção.

– Então, eu estava certo quando disse para falarmos de morto para morto, pois olhando o senhor aí agora, mesmo vivo, com o coração pulsando e sangue correndo nas veias parece estar mais morto do que eu.

Os meninos olhavam seu pai diretamente nos olhos, agora muito sérios, como se dissessem, você não vai nos impedir. Nem ouse tentar!

Carlos estava estupefato com tudo aquilo, mas seu destino, tinha se cumprido, estava selado. Que fosse assim, era hora de seguir com os outros e encontrar algo que ele não sabia exatamente o que seria, mas estava preparado. Entrou com os meninos na casa, mas não foi com eles ao quarto de dona Alice. As crianças chegaram até onde dona Alice estava, ela estava tremendo, nervosa, estava com muito medo. Seu Antônio chegou

logo atrás deles, mas não conseguia se aproximar, pois o ancião o impedia de ultrapassar a porta e de pronunciar qualquer palavra, ele apenas chorava copiosamente.

– Mamãe?

– Meus filhos!

Dona Alice chorava muito, ouvindo a voz de seus filhos, eles seguravam-lhe as mãos.

– Mamãe, olhe para nós, nós estamos aqui, mamãe. Olhe para nós. Você pode nos ver?

– Eu estou olhando, eu estou olhando, vocês estão tão bonitos. Tão bonitos, Juquinha, como você cresceu, Luquinhas, Gabriel, Pedro, meu atacante. Deem um abraço na mamãe!

– Está tudo bem, mamãe. Está tudo bem. Agora vai ficar tudo bem.

– Eu sei, meus amores, eu sei, agora está.

Dona Maria Alice abraçou afetuosamente seus filhos, então abriu os olhos que agora viam a luz, olhou para a porta, lá estava seu Antônio, chorando como um menino, a mão estendida em sua direção como se quisesse tocá-la, mas não conseguia entrar no cômodo. Dona Alice, o olhou e sorriu.

– Está tudo bem, querido, eu vou ficar bem!

Disse isso, e fechou os olhos delicadamente para nunca mais abri-los. Enquanto isso no cômodo ao lado, Carlos contemplava o sono de Rosa, ela parecia tão doce quanto antes,

mas estava descorada e magra, não era sua Rosa cheia de vida. Aquilo lhe partiu o coração. Estendeu a mão e lhe tocou a face com o dorso da mão. Rosa se mexeu, como se tivesse sentido o carinho feito por Carlos. Ele se assustou. Recuou. Mas permaneceu ali próximo a ela, então chegou perto de seu ouvido e sussurrou-lhe algumas palavras. Rosa sorriu, em seu doce sonho. Carlos se levantou e saiu em direção a porta, lá lhe aguardavam o ancião, os quatro meninos e agora Dona Alice que o olhava como se fosse a primeira vez que o via e realmente era! Saíram dali, estava tudo acabado.

O sofrimento de Alice, o sofrimento de uma vida inteira, a vaidade de Antônio, disfarçada de amor incondicional, tudo isso junto, quebrara, por fim, as amarras do tempo e espaço que prendiam algo terrível e danoso ali, e a maldição se desfez. Continuaram caminhando pelas ruas de Venâncio. As crianças segurando nas mãos umas das outras e nas mãos de sua mãe, até sumirem pouco a pouco no horizonte.

Enquanto, isso Antônio desesperado via-os desaparecer, ao longe, do alpendre. De joelhos, em prantos, Seu Antônio gritava horrorizado, todos da casa acordaram com seus gritos, na verdade, o Vilarejo inteiro deve ter sido despertado. E conforme os vultos sumiram no horizonte na vista já cansada de seu Antônio, ele sentia seu peito queimar, o mundo ao seu redor também foi aos poucos desaparecendo para sempre e, apesar de o sol ter acabado de surgir, para ele, a noite caiu outra vez e para sempre.



*Isabel Cristina
Cardoso de Brito*

Isabel Cristina Cardoso de Brito, nascida no Piauí, na cidade de Parnaíba, cresceu em uma localidade chamada Carneiro, localizada na zona rural de Chaval, município cearense. Ainda criança apaixonou-se pela leitura, tendo sido devoradora assídua dos clássicos contos dos irmãos Grimm, Andersen, histórias da carochinha, etc. De criança curiosa e com muito gosto pela leitura e pela ciência a uma aluna com notas excepcionais em redação e produção de texto. Aos dezesseis anos começou a escrever poemas apenas pelo gosto por escrever. Formada em letras português, tornou-se professora e até hoje dedica-se a essa profissão sem abdicar de seu gosto pelos livros e pelas palavras. Domingo sombrio é seu primeiro livro publicado e revela as fortes influências de Lord Byron, Álvares de Azevedo e, dos mais recentes, Charles Bukowski em sua literatura.



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

